

ALLAN KARDEC E O ESPIRITISMO



CHRYSANTO DE BRITO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



Ilustração da capa

SÓNIA FERREIRA

DIREITOS AUTORAIS RESERVADOS

Fotolitos e clichês

CLICHERIA GARCIA LTDA.

Revisão

NAASSON VIEIRA PEIXOTO

Edição Digital:

PENSE – Pensamento Social Espírita.

<http://www.viasantos.com/pense>

Abril de 2010.

Os conceitos emitidos são de inteira responsabilidade do autor.

Publicado pela EDITORA MANDARINO LTDA.

C.G.C. 34.026.245/0001-00 — INSC. 81.202.540

RUA MARQUÊS DE POMBAL, 172

CAIXA POSTAL 11000 - 20.230 - Telefone: 221-5016

RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL

CHRYSANTO DE BRITO

**ALLAN KARDEC
E O
ESPIRITISMO**

ESTUDO SINTÉTICO



EDITORA ECO

A minha esposa e amiga dedicada

SUMÁRIO

Allan Kardec, o fundador do Espiritismo	6
Apresentação	8
Prefácio	9
Capítulo I	
Allan Kardec e o homem	11
Capítulo II	
Allan Kardec e sua missão	13
Capítulo III	
Allan Kardec e o método	19
Capítulo IV	
O espiritismo e seus princípios fundamentais	23
Capítulo V	
O problema mediúnico	52
Capítulo VI	
As questões do animismo no espiritismo	57
Capítulo VII	
O problema da identificação no espiritismo.....	61
Capítulo VIII	
A moral do espiritismo	65
Capítulo IX	
O espiritismo e a ciência.....	74
Capítulo X	
Influência e evolução do espiritismo.	
Último ano de Allan Kardec.....	79

ALLAN KARDEC, O FUNDADOR DO ESPIRITISMO

Desde que o espiritismo surgiu no Brasil, o debate acerca do papel desempenhado por Hippolyte Léon Denizard Rivail, na estruturação desta filosofia espiritualista, vem dividindo os espíritas. No século retrasado, por conta dessa divisão, o espiritismo brasileiro se fragmentou em várias correntes, onde “místicos” e “científicos” se polarizavam em meio a várias outras tendências. Nenhuma delas se entendia quanto ao caráter do espiritismo e muito menos em relação ao trabalho realizado por Rivail, mais conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec. No século seguinte, a polêmica prosseguiu e não há previsão de que ela ainda deixe de suscitar discussões acaloradas entre os espíritas.

A tenaz influência sócio-cultural, o ambiente católico, religioso, o pensamento mágico, mítico foram fatores que geraram um espiritismo atípico e singular, em comparação com as raízes francesas dessa filosofia racional que, no Brasil, travestiu-se como uma religião de apelo místico, assistencialista e popular.

Se na França, Allan Kardec era tido como o fundador do espiritismo, aqui no Brasil ele foi guindado à condição de codificador doutrinário, de mero secretário dos espíritos, relegado a uma condição subalterna, ofuscando assim o seu verdadeiro papel como estruturador de uma corrente filosófica de pensamento, de bases experimentais, no campo do espiritualismo.

Segundo o escritor cearense Chrysanto de Brito, “a verdade é que Allan Kardec soube ver que os problemas, que surgiam com o espiritismo, eram de tal ordem e tão variados que só poderiam ser coordenados com a razão filosófica, que só poderiam comportar uma sistematização filosófica. Apoiado em “revelações”, sujeitas a exame e à crítica, em documentos espíritas, enfim, e **elaborado com o concurso humano**, o espiritismo surge, na expressão de Léon Gastin, como a filosofia da ciência dos espíritos. A diferença, que existe entre

ele e as outras doutrinas filosóficas, além de outras particularidades, é que essas doutrinas são deduções do pensamento lógico de seus autores, e o espiritismo é uma dedução tirada do pensamento dos espíritos **com a lógica de seu fundador.**”

Este livro, que o PENSE publica em formato digital, foi primeiramente lançado em 1935, pela Editora Espírita Ltda., do Rio de Janeiro. A segunda edição saiu em 1983, pela Editora Eco, do Rio, por iniciativa do saudoso tradutor e intelectual espírita Francisco Klörs Werneck (1905-1986). Trata-se de uma obra ainda quase desconhecida entre os estudiosos espíritas, cuja contribuição é inestimável e imprescindível ao infundável debate acerca da natureza do espiritismo. O autor, Chrysanto de Brito, intelectual espírita de amplos recursos, nos legou esta obra rara, onde aborda de modo magistral, segundo um interessante panorama histórico, a relação de Allan Kardec com o espiritismo. Poucos como ele, em sua época, consideravam Allan Kardec como o **fundador** da filosofia espírita, expressão esta que ele usa em detrimento do costumeiro epíteto de *codificador*, como passou a ser conhecido no Brasil.

Eugenio Lara

PENSE – Pensamento Social Espírita

<http://www.viasantos.com/pense>

Março de 2010.

APRESENTAÇÃO

Chrysanto de Brito era um velho cearense e funcionário do Governo. Morreu sem filhos, porém deixou uma obra magnífica e que deve ser lida com atenção, pois o autor estudava a doutrina kardecista muito seriamente, o que pode ser observado no decorrer desta obra.

Avesso aos auditórios espíritas, pouco participava do movimento espírita da época. Entretanto, sua modéstia acumulou uma grande bagagem de conhecimentos da doutrina.

Nesta obra composta de dez capítulos o autor nos apresenta os seguintes assuntos: Allan Kardec e o homem; Allan Kardec e sua missão; Allan Kardec e o método; O espiritismo e seus princípios fundamentais; O problema mediúnico; As questões do animismo no espiritismo; O problema da identificação no espiritismo; A moral do espiritismo; O espiritismo e a ciência; Influência e evolução do espiritismo e Último ano de Allan Kardec.

O presente livro é, pois, uma contribuição apreciável à bibliografia espírita. Nele, o leitor verá certamente como o autor se esforçou para fixar bem o verdadeiro papel de missionário desempenhado por Allan Kardec na organização da doutrina espírita.

Quem contempla hoje um retrato de Allan Kardec não pode ter a ideia do que foi seu caráter, não pode imaginar que naquela figura vigorosa, de fisionomia tão austera, aparentando antes uma rigidez exagerada de sentimentos, pouco disposta a perdoar faltas, se escondia uma alma tão boa, tão simples e tão generosa.

PREFÁCIO

Muito feliz a iniciativa que teve a Editora Eco de publicar nova edição deste livro, depois de longo tempo de quase esquecimento no meio espírita. “Allan Kardec e o Espiritismo”, do Dr. Chrysanto de Brito, foi publicado há muito tempo, dele não se fez divulgação e, por isso mesmo, a nova geração espírita certamente nunca ouviu falar da obra nem do autor, a não ser algum caso especial. No entanto, é um estudo proveitoso e ainda atual em suas colocações. Chrysanto de Brito — é bom que se diga — era um homem que estudava a doutrina seriamente, e não de leituras ocasionais.

Não era muito conhecido nos auditórios espíritas, porque pouco aparecia, devido ao seu feitio retraído, mas conhecia espiritismo em todos os ângulos e, dentro de sua modéstia natural, acumulou uma cultura muito bem fundamentada. O presente livro é, pois, uma contribuição apreciável à bibliografia espírita. Nele, o leitor verá por certo como Chrysanto de Brito se esforçou para fixar bem o verdadeiro papel de missionário desempenhado por Allan Kardec na organização da Doutrina Espírita.

Nunca será demais repetir que Allan Kardec, perante o espiritismo, não se confunde com a figura, muito cômoda, de um “arrumador” como tantos e tantos que apenas reúnem e colocam em ordem material que já existe. Não foi este o papel de Allan Kardec. É verdade que o pensamento puro da doutrina não é dele, é dos espíritos. Aliás, esta verdade cedo já é conhecida dos estudiosos da doutrina.

O próprio Allan Kardec deixou bem claro que a doutrina espírita não é de sua autoria, não tem paternidade pessoal, pois o ensino coletivo veio do mundo espiritual, dado por diversos espíritos no momento exato. O fato, porém, de Allan Kardec não ser o fundador do espiritismo ou criador da doutrina não diminui a sua relevante e lumi-

nosa participação como também interferência em todo o processo da elaboração doutrinária. Ele é, na realidade, como já sabemos, o legítimo Codificador da doutrina espírita.

Por mais que já se tenha estudado e proclamado o mérito pessoal de Allan Kardec em relação à doutrina espírita, há sempre o que pensar a este respeito, pois ele dialogou com os espíritos, formulou questões das mais sérias e não aceitou passivamente tudo quanto vinha do “outro mundo”. Justamente por isso julgamos oportuna a reedição, que ora aparece, do livro do Dr. Chrysanto de Brito.

Terminando, achamos muito justo, embora em poucas palavras, ressaltar a operosidade da Editora Eco, cujo lançamento, quer de traduções, quer de trabalhos originais, há muito tempo estão concorrendo para a difusão de trabalhos verdadeiramente significativos na literatura espírita.

Rio de Janeiro, abril de 1983.

Francisco Klörs Werneck

Capítulo I

ALLAN KARDEC E O HOMEM

Há duas fases na vida de Allan Kardec: — uma anterior à constituição do espiritismo, mais material, conquanto já superior na ordem moral; outra, inteiramente espiritual, em que, admitindo e aceitando a doutrina nascente, faz dela a preocupação permanente do resto de sua vida.

Antes de tudo, é preciso mostrar como o homem em Allan Kardec se completa nas duas fases de sua vida; como a segunda não seria talvez possível sem a primeira.

Nascido em Lyon, na França, em 3 de outubro de 1804, no seio duma família respeitável pelas suas virtudes, ele recebeu dos pais uma educação aprimorada. Pode-se dizer, portanto, que o meio foi o mais propício para o desenvolvimento de suas boas tendências. Todas as qualidades morais, que concorrem para formar o homem de bem, foram logo desabrochando no jovem Hippolyte Rivail e constituíram sempre o fundo de seu caráter.

Quando apareceu depois o grande movimento espírita, de que foi diretor, ele era já um homem experimentado nas lutas da vida, contando já mais de 50 anos, mas sempre guiado por uma consciência reta. O espiritismo não lhe veio trazer a transformação súbita do caráter. Não veio modificá-lo de chofre, dando-lhe imediatamente qualidades que não possuía. Já o encontrou, por assim dizer, formado. Apenas o lapidou. Ele já era um espírito evoluído, com um longo tirocínio de outras existências e outras missões, perfeitamente aparelhado, portanto, para desempenhar a nova missão que trazia.

Na vida, a coragem nunca lhe faltou. Ele não desanimava nunca. A calma foi sempre uma das feições mais salientes de seu caráter.

Ficando logo arruinado, perdendo toda a sua pequena fortuna no começo da vida, sem sempre exercitando a caridade, e, já casado com a mulher, que foi depois incansável na propaganda de suas ideias, ele consegue por meio de um labor obstinado readquiri-la quase toda no ensino, escrevendo ao mesmo tempo trabalhos didáticos, fazendo traduções de obras estrangeiras ou preparando a escrituração de estabelecimentos comerciais. Ainda assim, não lhe faltava a coragem para fazer benefícios à mocidade pobre, abrindo cursos gratuitos de ciências e línguas. Era essa mesma coragem que ele devia mostrar mais tarde, no momento tempestuoso da formação da doutrina, recebendo sempre com a maior serenidade, sem nunca revidá-los, os ataques mais veementes dos adversários, as injustiças e as ingratidões dos amigos. As cartas anônimas, as traições, os insultos e a difamação sistemática, lembra Leymarie, um seu íntimo, no dia de seu passamento, perseguiam esse homem laborioso, esse gênio benfazejo e lhe abriam moralmente feridas incuráveis. Tudo, porém, ele sabia perdoar.

Nunca fugia às discussões; ao contrário, as desejava sempre, não por espírito de combatividade, pelo gosto da polêmica, mas para elucidar os assuntos. “Nós queremos a luz, venha donde vier”, dizia ele. Nunca procurava impor suas opiniões. Discutia sempre lealmente e, naquilo que constituía uma questão já resolvida pelos espíritos numa concordância geral, os seus esclarecimentos eram mantidos como uma opinião meramente individual, eram emitidos, apenas, como sua maneira de ver. E sempre estava disposto a renunciá-la desde que ficasse demonstrado que ele estava em erro. Todos os homens podem enganar-se, dizia ele uma vez a Jobard, mas, se há grandeza em reconhecer os erros, há sempre baixeza em perseverar numa opinião que se repute falsa.

Dessa ausência de orgulho provinha necessariamente a tolerância. Assim como não pretendia impor suas opiniões a ninguém,

também respeitava as dos outros, inclusive as crenças. Sempre ele praticou o que alegou depois de 1868: — “A tolerância, sendo uma consequência da moral espírita, nos impõe o dever de respeitar todas as crenças. Não se atirando pedras em ninguém, desaparece o pretexto das represálias, ficando os dissidentes com a responsabilidade de suas palavras e de seus atos. Se eu tiver razão, os outros acabarão por pensar como eu, se eu não tiver razão, acabarei por pensar como os outros.” E essa tolerância, sendo um dos vestígios de sua elevação moral, não era somente aplicada nos atos da vida pública, mas também nos da vida privada.

De um humor às vezes alegre, na intimidade ele era um *causeur* despreocupado, mas brilhante, tendo um talento especial, refere um seu biógrafo, para distrair os amigos e convidados, que os tinha sempre em casa, dando algumas vezes certo encanto às reuniões.

Quem contempla hoje um retrato de Allan Kardec não pode ter a ideia, portanto, do que foi seu caráter, não pode imaginar que naquela figura vigorosa, de fisionomia tão austera, aparentando antes uma rigidez exagerada de sentimentos, pouco disposta a perdoar faltas, se escondia uma alma tão boa, tão simples e tão generosa.

O princípio, enfim, que constitui para o espiritismo o fundamento de sua moral: “Fora da caridade não há salvação”, pode-se garantir, foi sempre a sua bandeira. “Faço o bem quanto o permitem minhas condições, já dizia ele num antigo documento encontrado entre seus papéis, presto os serviços que posso, nunca os pobres foram enxotados de minha casa, nem tratados com dureza, antes são acolhidos com benevolência” — “Continuarei a fazer o bem, que me for possível, mesmo aos meus inimigos, porque o ódio não me cega, estender-lhes-ei sempre as mãos para os arrancar aos precipícios, quando para isso se me oferecer ocasião.”¹

¹ Allan Kardec: *Œuvres Posthumes*, pág. 388.

Capítulo II

ALLAN KARDEC E SUA MISSÃO

Não era somente o caráter que o tornava apto para fazer dele o grande sistematizador dos princípios, que deviam concorrer para regenerar a humanidade. Era também a sua alta cultura intelectual e uma inteligência já superior, revelada desde os primeiros anos.

Isso quer dizer que, sem o concurso, ao mesmo tempo, de qualidades morais e intelectuais notáveis, Allan Kardec não podia preencher a missão que executou.

Os seus primeiros estudos foram encaminhados com o maior escrúpulo, não só em Lyon, como mais tarde na Suíça, ao lado de Pestalozzi, o conhecido e famoso pedagogo. Depois de ter-se bacharelado em ciências e letras, ele fez brilhantemente o curso de medicina. Fez parte de instituições científicas e teve trabalhos premiados. Era também um linguista, diz Henri Sausse,² conhecendo perfeitamente e falando o alemão, o inglês, o italiano, o espanhol e também o holandês.

Foi sobretudo como educador, isto é, como professor, que Allan Kardec passou a maior parte de sua vida. A clareza e o método foram sempre as qualidades predominantes de seu ensino. As ciências matemáticas e físicas, as ciências naturais, a astronomia, a fisiologia, a anatomia, não só eram as matérias professadas, como faziam também a preocupação contínua de seus trabalhos escritos. Foi assim que formou a sua obra científica de 1829 a 1849, tendo quase toda ela o aspecto didático.

Como escritor, Allan Kardec foi dos mais eminentes. Pode-se dizer que ele foi um dos bons representantes do alto espírito francês no gosto pela síntese, no torneio da frase, na elegância e na clareza. Se lhe faltava a poesia, tinha a precisão, que estava mais de acordo com

² Henri Sausse, *Biographie d'Allan Kardec*, pág. 44.

seu gênio. “Sempre preferi, dizia ele, o que fala à inteligência ao que fala à imaginação.”³ Tinha também a lógica, que era sua faculdade principal. Era uma lógica austera, calma, sem asperezas e sem ironias, deixando nos que o liam o maior prazer, como era também um pouco o terror de seus contendores.

Allan Kardec era, como se vê, um homem de educação intelectual a mais positiva, um caráter sisudo e sem tendências místicas, quando ouviu falar pela primeira vez, em 1854, dos maravilhosos fenômenos, que tanta sensação já tinham causado na América do Norte.

Duvidando sempre deles, apesar de lhe serem referidos em palestras por pessoas de sua estima e instruídas, ele resolveu finalmente observá-los, indo a algumas das sessões, onde se produziam os fenômenos, entre as muitas que faziam então em Paris por mero divertimento. Eram mesas que saltavam, giravam e corriam, eram pancadas e rumores, eram, enfim, movimentos físicos diversos, sem causa aparente. “Longe estava eu de firmar minhas ideias, raciocinava ele ao sair pela primeira vez de uma dessas sessões, mas ali se me deparava um fato que devia ter uma causa. Entrevi, oculto naquelas futilidades aparentes e entre aqueles fenômenos, de que se fazia um passatempo, algo de muito sério, talvez a revelação de uma nova lei que fiz o propósito de descobrir.”⁴

Viu ele depois que não eram somente ruídos insólitos e a chamada dança das mesas que impressionavam, eram essas próprias mesas que se manifestavam inteligentemente, erguendo-se e batendo com os pés um certo número convencional de pancadas, para responderem às perguntas feitas; era já a escrita executada com um lápis preso a uma pequena cesta ou prancheta, colocada sobre uma folha de papel, tratando com a maior presteza de assuntos morais e filosóficos.

³ Allan Kardec: *Œuvres Posthumes*, pág. 331.

⁴ Idem, pág. 306

Mas, se por um lado ficou admitido que a causa dos fenômenos eram entidades misteriosas, isto é, espíritos ou almas de pessoas que já tinham vivido na Terra, conforme eles mesmos declaravam, por outro lado ficou sabido que eles eram produzidos consciente ou inconscientemente por intermédio de certos indivíduos, que tiveram mais tarde o nome de médiuns. Esses médiuns ou intermediários já aí se utilizavam diretamente do lápis e escreviam correntemente por um impulso involuntário. Já aí ele verificou que as comunicações podiam ter também lugar pelo ouvido, pela vista, pela palavra etc. e mesmo pela escrita direta, sem o concurso da mão do médium nem do lápis.

Foi justamente numa dessas sessões que Allan Kardec soube um dia, por uma comunicação, que ele teria que cumprir uma missão, missão essa que devia ter relação com o objeto quase constante de suas novas meditações, de suas novas aspirações e tendências; pois já havia quase um ano que Hippolyte Rivail vinha-se preocupando intensamente com as manifestações espíritas.

Era já certamente a intuição dessa missão que o arrastava a esses estudos. Essa intuição fica mesmo evidente com as conjecturas feitas a propósito dos fatos e o intuito a que ele propunha: “Compreendi logo a gravidade da exploração que ia empreender e entrevi naqueles fenômenos a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da humanidade, cuja solução vivi sempre a procurar; era, enfim, uma revolução completa nas ideias e nas crenças. Era preciso, portanto, proceder com circunspeção, e não levianamente, ser positivo e não idealista, para não me deixar embair com ilusões.”⁵

Vê-se também que ele era um médium, não um médium no sentido vulgar da palavra, como ele salientou uma vez, mas um indi-

⁵ Allan Kardec: *Œuvres Posthumes*, pág. 307.

vídúo já recebendo a influência dos espíritos, que então preparavam o estabelecimento da nova doutrina.

Contudo, dúvidas o assaltavam. Para ter a certeza absoluta dessa missão, ele perguntava e reperguntava aos espíritos. Por outro lado, o cumprimento dela devia depender de sua vontade. “Não desejo furtar-me a uma missão em que nem sei como acreditar, dizia ele a um espírito a quem tinha interrogado; se, pois, estou destinado a servir de instrumento às vistas da Providência, que ela disponha de mim.”

A coragem e atividade no desempenho dessa missão foram tanto mais extraordinárias quanto ele sabia as lutas que teria de travar, avisado por aqueles mesmos de quem seria o intérprete. Um deles, que se manifestava sob o nome alegórico de **Espírito da Verdade**, lhe mostrava claramente o que podia acontecer: “A missão do reformador é cheia de tropeços e perigos. A tua é rude, previno-te, pois é o mundo inteiro que se trata de revolver e transformar. Não suponhas que basta publicar um livro, dois, dez, e ficar tranquilo em casa; não, ser-te-á preciso expor a tua própria vida. Levantarás contra ti ódios terríveis, inimigos encarniçados conjurarão a tua própria perda; serás alvo da maledicência, da calúnia e da traição, mesmo dos que te parecerem mais dedicados; as tuas melhores instruções serão desprezadas e adulteradas; mais de uma vez vergarás ao peso da fadiga; em uma palavra, haverá uma luta quase constante e o sacrifício de teu repouso, de tua tranquilidade, de tua saúde, e até de tua vida, porque sem isso viverias mais tempo. Pois bem, nem um passo para trás tu deves dar quando, em vez de um caminho juncado de flores, encontrares sob teus pés urzes, agudas pedras e serpentes. Para tais missões a inteligência não basta. É preciso principalmente, para agradar a Deus, humildade, modéstia e desinteresse, porque ele abate os orgulhosos, os presunçosos. Para lutar contra os homens é preciso coragem, perseverança e uma firmeza inabalável, é preciso

também prudência e jeito, para levar as coisas de modo a não comprometer os sucessos com palavras intempestivas, é preciso finalmente devotamento, abnegação e estar pronto para todos os sacrifícios.”⁶

Essa missão Allan Kardec levou quase 12 anos a desempenhar, sem a ter concluído, desenvolvendo sempre uma atividade prodigiosa, publicando livros e brochuras, atendendo a uma correspondência copiosa, fazendo viagens de propaganda e fundando **La Revue Spirite** e a **Société Spirite de Paris**, que representaram um papel considerável na marcha do espiritismo.

⁶ Allan Kardec: *Œuvres Posthumes*, pág. 323.

Capítulo III

ALLAN KARDEC E O MÉTODO

No desempenho dessa missão, isto é, na formação do espiritismo, Allan Kardec seguiu um método, que é indispensável mostrar aqui.

A questão de saber se na verdade os espíritos existiam, se eram as causas dos fenômenos, ficou resolvida, não pela simples credulidade, mas pela observação e pelo estudo atento.

Já se vê que Allan Kardec não procedia nas suas investigações como vinham já procedendo certos homens de ciência, procurando fazer experiências de laboratório com fenômenos que produziam efeitos visivelmente inteligentes, dando lugar a se admitir que as causas deviam ser inteligentes e independentes.

Afirmando isso, não quero dar a entender que Allan Kardec repudiava o movimento científico que nascia. Nem ele procurava desprestigiar a ciência, de que era um cultor, nem o sábio. Julgava apenas que os processos empregados no exame dos fatos eram falhos: – “As ciências vulgares, alegava ele, repousam sobre as propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular à vontade; os fenômenos espíritas repousam sobre a ação de seres inteligentes, que possuem vontade própria e nos provam a cada momento não estarem sujeitos ao nosso capricho. As observações não podem, portanto, ser feitas do mesmo modo; requerem condições especiais e outros pontos de partida; querer submetê-las aos nossos processos ordinários de investigações, é criar analogias que não existem.”⁷

Ele dizia então, e com razão, que qualquer que fosse o juízo da ciência sobre o espiritismo, favorável ou desfavorável, não poderia decidir de seus destinos. Embora julgasse que o espiritismo devia an-

⁷ Allan Kardec, *Le Livre des Esprits*, Introduction; *Le Livre des Médiuns*, n° 31.

dar sempre de acordo com a ciência, concluía que o espiritismo para viver não dependia da ciência.

Sabe-se que as manifestações espíritas não são fatos novos. Elas sempre existiram, sempre foram reconhecidas mais ou menos em toda parte. Pode-se dizer que seus vestígios estão nas religiões e nas literaturas de todos os povos. Mas nunca houve época na história em que elas tivessem aparecido com tanta intensidade, com tanta profusão, com tanta insistência, por assim dizer, como naquela justamente em que foi constituído o espiritismo moderno. Foi com este movimento que se ficou definitivamente sabendo da existência de mu mundo ou plano invisível, da natureza de seus habitantes, de seus costumes, de suas relações constantes com um mundo sensível, da ação recíproca de um sobre o outro, do destino, enfim, que tem o homem depois da morte.

Foram essas manifestações — já aqui falo, somente das manifestações intelectuais — consideradas como revelações parciais, que concorreram para a formação da doutrina, que é hoje o espiritismo e que um dia fará a unidade das crenças.

Comunicando-se em toda parte e discutindo todos os assuntos, os espíritos foram preparando uma massa enorme de fatos. Conquanto não pudessem revelar tudo, nem tudo explicar, eles muito revelavam e muito explicavam. Ao mesmo tempo, Allan Kardec os interrogava a respeito de tudo aquilo que tinha utilidade e podia trazer ensinamentos, sobre coisas da ciência, da filosofia e da moral, coisas, principalmente, que interessavam diretamente ao presente e ao futuro da humanidade. As respostas eram sempre exatas e muitas vezes profundas.

Ele levava para as sessões um caderno inçado de notas, de que fazia um questionário. Ia recolhendo também comunicações onde as podia encontrar e coligia as que lhe enviavam os correspondentes.

Tudo observava. Sobre tudo meditava. Um dos primeiros resultados de suas observações foi que os espíritos, sendo as almas dos homens, “não tinham a soberana sabedoria, nem a soberana ciência; que seu saber estava limitado ao grau de adiantamento de cada um e que suas opiniões só tinham o valor de opiniões pessoais; que, portanto, não eram infalíveis, preservando-o, assim, de formular teorias prematuras sobre o dizer de um ou de alguns. Ele notava que “cada espírito só lhe podia patentear uma fase do mundo espiritual, segundo sua opinião e seus conhecimentos, do mesmo modo como se chega a conhecer o estado de um país, interrogando seus habitantes de todas as classes e condições, podendo cada um ensinar alguma coisa e nenhum individualmente ensinar tudo.”⁸

Ele, porém, tudo fazia com método. Ajuntando esses documentos, verificava-os. Reunia os fatos similares e os coordenava, comparava-os, classificava-os. Nunca erigia princípios antecipadamente ou preconcebiam teorias. Ao contrário, deduzia tudo desses fatos. E não era somente de alguns fatos que ele tirava uma conclusão definitiva, uma ideia geral. Era preciso que numerosas comunicações fossem dadas sobre um mesmo assunto e em muitos pontos, para ter lugar uma indução. Dessa maneira, ele podia afirmar que tal estado era uma fase da vida espírita.

Estabelecia-se assim, com a análise comparada desses fatos, uma concordância geral, tornando-se um critério profundamente seguro para a inteligência dos fatos. Era um critério inteiramente científico, indispensável no começo da formação da doutrina, como ainda hoje o deve ser no seu desenvolvimento e muito lógico. Por isso, ele dizia muito bem que todo o ensino espírita que não tivesse sido sujeito a certos processos de investigação e não apresentasse, sobretudo, esse caráter de universalidade, só poderia ter a importância de um juízo

⁸ Allan Kardec: *Œuvres Posthumes*, págs. 307 e 308.

particular. Enquanto não fosse confirmado pela generalidade dos espíritos, não poderia fazer parte integrante da doutrina.

Vê-se, então, como Allan Kardec procurava resolver definitivamente certas questões. Ele as discutia primeiramente em artigos na *Revue Spirite*, com o fim de sujeitá-las à controvérsia e à opinião dos espíritos. Não era senão depois dessa prova, dispondo-se a abandoná-las ou desenvolvê-las, conforme fossem ou não acolhidas pela maioria deles, que seus resultados eram publicados nos seus livros, como, por exemplo, a questão dos anjos decaídos e a da raça adâmica. Outras, ele as considerava simplesmente como hipóteses, ou porque não tinham sido ainda ratificadas pelos espíritos, ou porque não tinham ainda os foros de uma verdade já estabelecida, como, por exemplo, a questão da geração espontânea permanente ou, mesmo, a da origem do corpo humano.

Com tudo isso, suas obras iam sendo sempre revistas, modificadas, ampliadas com comunicações novas, capítulos novos, e ideias mais bem estudadas, quase se pode dizer, sob a fiscalização dos espíritos superiores.

Foi com esse método que Allan Kardec organizou e deu à estampa em 1857, sob a forma de questionário, *O Livro dos Espíritos* (Le Livre des Esprits), livro donde surgiram os princípios fundamentais do espiritismo, e que deu lugar à publicação de outras obras, em que esses princípios foram completados e desenvolvidos.

Capítulo IV

O ESPIRITISMO E SEUS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

Encarando-se o espiritismo nas suas linhas gerais, vê-se que ele pode ser sintetizado em certos princípios fundamentais, conforme tinha lembrado mesmo Allan Kardec.

Foi no *Congresso Espírita Internacional*, reunido em Liége, na Bélgica, em 1923, que esses princípios foram definitivamente traçados, sendo exarados na mesma ocasião, mais ou menos, nos estatutos da *Federação Espírita Internacional*, então criada. É o princípio da existência de Deus, sem o caráter antropomórfico, causa suprema de tudo o que existe; é o princípio de existência, sobrevivência e imortalidade da alma, inseparável de seu corpo fluídico; é o princípio da constituição ternária do homem, com a alma, o corpo físico e o perispírito ou corpo fluídico; é o da comunicação entre os vivos, ou espíritos encarnados e os mortos ou espíritos desencarnados, por meio da mediunidade; é o da reencarnação.

A grande ideia dominante no espiritismo, o seu princípio mais fundamental, é o da existência de Deus. Deus aparece como o autor de todas as leis que regem as causas. Por isso, Ele é o motor universal de tudo o que existe. Se sua existência não pode ser provada diretamente, pode, todavia, ser demonstrada indiretamente, apoiando-se no axioma de que todo efeito tem uma causa e, o que é mais, todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.

Perscrutando-se toda a natureza, vendo-se a harmonia, a providência e a sabedoria que reinam em todas as suas obras, vendo-se-lhe as maravilhas, reconhece-se que elas não podem ser os resultados do acaso, que é o nada e que, não podendo ser o produto da inteligência humana, só podem ser o produto de uma inteligência excessivamente superior.

Para se compreender Deus perfeitamente, isto é, para se conhecer sua natureza íntima, é preciso que o espírito tenha chegado a um certo grau de evolução espiritual; é preciso que tenha atingido a certo estado de pureza, que é quando possui o desenvolvimento de suas percepções em grau elevado.

Não podendo o homem penetrar na sua natureza, sendo dada sua existência como premissa, ele pode, contudo, como diz Allan Kardec, chegar ao conhecimento de algum de seus atributos essenciais, porque, “vendo o que Deus não pode deixar de ser, sem cessar de ser Deus, conclui o que ele deve ser”. Assim, é que Deus é a suprema inteligência, é uma inteligência ilimitada, sem outra que a possa igualar, é o infinito na inteligência, como é o infinito no poder e na bondade. Ele é também eterno, isto é, nunca teve princípio nem terá fim, porque, se tivesse sido criado por outro, esse outro é que seria Deus, e, se tivesse fim, outro existiria depois dele.

Por outro lado, se Deus não fosse imutável, onde estaria a imutabilidade que existe nas leis do Universo? Se ele não fosse imaterial, não seria imutável e, nesse caso, estaria sujeito às transformações por que passa a matéria. Ele é, assim, único e infinitamente perfeito.

Mas não basta somente admitir-se a existência de Deus. É preciso aceitar-se sua intervenção em tudo na criação. É exatamente nessa intervenção que está a Providência. Vê-se que ela é, acima de tudo, a “solicitude pelas suas criaturas. Deus está em toda a parte e tudo vê, a tudo preside, mesmo as coisas mais insignificantes. Nisso é que está a ação providencial”.

Para dar uma ideia aproximada, mas ainda muito imperfeita desse caráter providencial, Allan Kardec recorda, por comparação, as propriedades do fluido perispiritual. Ele lembra que esse fluido não é

inteligente, porque é matéria, mas é veículo do pensamento, das percepções e das sensações do espírito. Ele é o agente e o intermediário do pensamento, do qual fica como que impregnado. Não podendo ser isolado, ele parece formar um só todo com o fluido, como o som parece formar um só todo com o ar. Assim como se diz que o ar se torna sonoro, pode-se dizer também, tomando o efeito pela causa, que o fluido se torna inteligente.

Imagine-se agora Deus representado “sob a forma concreta de um fluido inteligente, enchendo o Universo infinito, penetrando todas as partes da criação: **a natureza inteira está mergulhada no fluido divino**. Ora, em virtude do princípio que as partes de um todo são da mesma natureza e têm as mesmas propriedades que o todo, cada átomo desse fluido, se assim se pode dizer, possuindo o pensamento, ou antes, os atributos essenciais da Divindade, esse fluido estando em toda a parte, tudo está submetido à sua ação inteligente, à sua providência, à sua solicitude.”⁹

Foi esse princípio do infinito nas perfeições de Deus, e de sua ação providencial, que foi também a ideia mãe do cristianismo, que o grande pensador espírita procurou demonstrar com lógica e com método. Esboçado em *O Livro dos Espíritos*, ele o retoma e desenvolve na *Gênese* segundo o espiritismo. Procurando exhibir a prova da existência de Deus, afastado dos processos da ortodoxia católica, da qual fez parte na sua juventude, Allan Kardec imprimiu à fé um vigor todo novo. Ele inaugura a era da fé lógica, da fé compreensiva, única compatível com a época do livre exame que se atravessa, em oposição cabal ao regime da fé dogmática e cega.

Vê-se, então, que nem mesmo a ideia de Deus pode ser encarada como um dogma. É uma ideia fundamental, na verdade, mas sem

⁹ Allan Kardec, *La Genèse, les miracles et les predictions selon le spiritisme*, cap. II, n° 24.

nenhuma feição dogmática, tal a evidência com que ela é demonstrada, sem imposição autoritária e inteiramente de acordo com a razão.

O espiritismo, demais, fazendo gradualmente o estudo dos fatos espíritas e sujeitando tudo à lógica, não pode admitir dogmas, no sentido, pelo menos, em que são geralmente admitidos, isto é, no sentido de preceitos inverificáveis e invioláveis. Há somente um fato que não se pode deixar de afirmar, é que, à medida que outras revelações forem sendo feitas, elas irão comprovando sempre melhor a grandeza de Deus, de modo que se vai ficando cada vez mais empolgado pelo mais profundo sentimento de admiração, respeito e amor, e que só pode encontrar expressão dizendo-se que Deus inspira o mais profundo sentimento religioso.

O espiritismo também não se pode dizer que seja uma religião, só porque admite a existência de Deus, a sobrevivência e a imortalidade da alma. Para ser uma religião, era preciso que não lhe faltassem outros elementos como o “cumprimento de certos ritos regulares e adoção de certas fórmulas”. O espiritismo poderá mais tarde, num futuro ainda longínquo, fazendo a unificação das crenças, tornar-se a religião, e nesse caso dirão talvez que ele é uma religião. Mas aí então o atual caráter constitutivo das religiões deixaria de subsistir. Nesse momento, o que ele poderá ter, apenas, é o espírito religioso, se assim se pode dizer, porque tudo aquilo, que tem um caráter divino, deve ser recebido religiosamente.

Se se quiser tomar a palavra religião somente como sendo um laço, que deve ligar os homens numa comunhão de sentimentos e de princípios, como se diz, por exemplo, que há uma religião ou fé política, o espiritismo será uma religião. Mas não é possível tomar uma mesma expressão para manifestar duas ideias diferentes, como bem disse Allan Kardec num memorável discurso pronunciado em 1868 na Societé Spirite de Paris, em uma sessão comemorativa dos mortos.

“Na opinião geral, alegava ele, a palavra religião é inseparável da de culto; ela desperta exclusivamente uma ideia que o espiritismo não tem. Se o espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria nele senão' uma nova edição, uma variante, se quiserem, dos princípios absolutos em matéria de fé, uma casta sacerdotal com um cortejo de hierarquias, cerimônias e privilégios. Ele não ficaria separado das ideias de misticismo e dos abusos contra os quais as opiniões muitas vezes se levantam. O espiritismo, não tendo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, não podia nem devia enfeitar-se com um título que nenhum valor lhe podia dar. Eis por que se diz simplesmente: “doutrina filosófica e moral”. Isto não quer dizer, acrescentava ele, que as reuniões espíritas não “possam ser feitas religiosamente, isto é, com o recolhimento e o respeito que comporta a natureza grave desses assuntos. Pode-se mesmo nelas fazer preces em conjunto, em vez de serem ditas em particular, sem lhes dar por isso o caráter de assembléias religiosas. A nuance é perfeitamente clara. A confusão aparente não vem senão da falta de expressão para cada ideia”.¹⁰

Noutra ocasião, respondendo aos detratores do espiritismo, ele afirmava, também claramente, que o espiritismo não podia ser uma religião: “O espiritismo é uma doutrina filosófica que tem consequências religiosas, como toda a filosofia espiritualista. Eis por que ele toca forçosamente nas bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Não é ele porém uma religião constituída, visto não ter cultos, nem templos, e entre seus adeptos nenhum tomou ou recebeu o título de sacerdote ou papa.”¹¹

Pode-se afirmar que sempre foi essa a sua opinião. Ainda depois na vida espírita ele conservou a mesma linguagem. Numa comunicação dada em 1883, repetia:

¹⁰ *Revue Spirite*, 1868, pág. 359.

¹¹ Allan Kardec: *Œuvres Posthumes*, pág. 268.

“É necessário dizer que o espiritismo, pedra fundamental de todas as crenças, é **a religião**, que une o homem ao Criador e o homem aos outros homens, o laço que o prende a novos destinos? Tal é a razão superior pela qual o espiritismo não podia ser **uma religião**.” — “Deveis compreender porque eu afastei a expressão “religião”, pois, desde os tempos os mais remotos, as religiões foram e são ainda objeto das mais graves discórdias. Em segundo lugar não esqueças isto: o edifício que o espiritismo constrói e que não pode terminar sem estorvos, deve abrigar todas as crenças.”¹²

É evidente que Allan Kardec tinha razão. As ideias, que expendeu a respeito do que considerava uma religião, eram ideias de quem conhecia com exatidão a posição que as religiões têm ocupado na história. Elas não mudaram ainda. As religiões continuam a viver da mesma vida, com os mesmos elementos, com as mesmas funções, até que possam transformar-se. E é justamente o espiritismo que será o maior fator de suas transformações. Não havia de ser como uma religião que ele poderia representar esse papel. Afirmar-se, portanto, como se tem afirmado algumas vezes, que o espiritismo é uma religião é provocar com isso uma confusão prejudicial à doutrina. Há certamente um equívoco dos que se apoiam na razão etimológica da palavra religião, ou na pequena parte de filosofia religiosa do espiritismo. É preciso atender-se que não é com sentimentos pessoais ou com tendências religiosas arraigadas que se pode mudar o espírito de uma doutrina.

O que o espiritismo é, na verdade, é uma doutrina filosófica ou uma filosofia. Desde que se dirija sobre ele uma vista de conjunto, logo se nota que seus problemas são de caráter geral, que as ideias que ele desenvolve são de alcance universal, conquanto ele seja, sobretudo, uma filosofia do espírito. Sua preocupação de explicação universal não só abrange as coisas humanas como divinas, não só

¹² *Revue Spirite*, 1883, pág. 46.

abraça as questões a respeito da natureza das coisas, como as das origens e dos fins. Todos os problemas, de que cogitam os sistemas filosóficos em geral, problemas do espírito, da matéria, da vida, problema moral, o espiritismo aborda, principalmente, o moral, dando-lhe um novo impulso e uma explicação mais profunda e verdadeira. É isso que o caracteriza como uma doutrina filosófica. É a universalidade e natureza de seus problemas e o modo de resolvê-los. Ele aparece destarte como um verdadeiro sistema de conhecimentos, como um novo modo de conhecimento das coisas do Universo. Basta examinar *O Livro dos Espíritos* para se verificar isso. É como uma doutrina filosófica, portanto, que o espiritismo deve ser classificado, não só porque é a inferência que se pode tirar de seu estudo total, como estava no pensamento de Allan Kardec, levado por força da lógica, fazer dele uma doutrina filosófica.

A verdade é que Allan Kardec soube ver que os problemas, que surgiam com o espiritismo, eram de tal ordem e tão variados que só poderiam ser coordenados com a razão filosófica, que só poderiam comportar uma sistematização filosófica. Apoiado em “revelações”, sujeitas a exame e à crítica, em documentos espíritas, enfim, e elaborado com o concurso humano, o espiritismo surge, na expressão de Léon Gustin, como a filosofia da ciência dos espíritos. A diferença, que existe entre ele e as outras doutrinas filosóficas, além de outras particularidades, é que essas doutrinas são deduções do pensamento lógico de seus autores, e o espiritismo é uma dedução tirada do pensamento dos espíritos com a lógica de seu fundador.

Há de reconhecer-se então que ninguém mais do que Allan Kardec devia ter autoridade para dizer o que quis fazer. Por outro lado, é preciso convir que, na parte humana que lhe coube na formação do espiritismo, ele não apareceu como simples coordenador de “revelações”, donde cada um pudesse tirar, no futuro, as conclusões que quisesse. Ele

foi mais do que isso: foi um sistematizador, imprimindo à sua obra, com assentimento de seus guias espirituais, uma direção determinada, dirigida por um método onde pôs todo o seu espírito filosófico e científico.

II

No espiritismo, o que forma a sua base, constituindo também um dos seus princípios fundamentais, é a ideia da existência do espírito. Não é mais necessário mostrar aqui como o fundador do espiritismo a encarou. Com a experiência e a observação, Allan Kardec não só chegou à demonstração da realidade do espírito, como traçou de sua vida social no mundo espiritual um quadro exato.

Ficou então sabido que a existência do espírito não podia ser considerada uma ideia abstrata. O espírito não era uma entidade vaga, indeterminada, mas um ser todo particular, é verdade, mas concreto, real, pensando e agindo com suas faculdades próprias, com suas sensações e percepções e possuindo um papel ativo no funcionamento do Universo. Ficou então provado e admitido como uma aquisição definitiva, que ele possui um envoltório, um corpo fluídico, que o acompanha como parte integrante, que, envolvendo a alma, forma, por assim dizer, seu organismo. Allan Kardec o denominou de perispírito. “O perispírito, adverte ele, não é uma hipótese semelhante às a que se recorre algumas vezes na ciência para explicar um fato; sua existência não é só revelada pelos espíritos, é também o resultado de observações.” É, enfim, desses dois elementos, a alma e o perispírito, que é formado o espírito.

Se da natureza da alma quase nada se conhece, sabendo-se apenas que ela é a sede dos fatos de consciência, do perispírito, porém, Allan Kardec fez uma análise mais ou menos detida.

Foi já depois da publicação de *O Livro dos Espíritos* que o perispírito começou a ser melhor estudado. Com observações novas,

com novos conhecimentos, Allan Kardec fez do perispírito, na *Revue Spirite* que tinha vindo a lume em 1858, um estudo mais perfeito, em que mostrava, com mais firmeza, a posição que ele ocupa nas sensações do espírito, estudo esse que apareceu posteriormente estampado nas novas edições de *O Livro dos Espíritos*. Daí em diante, em quase todas as suas obras, ele o renova, ou resumindo as noções adquiridas, ou ampliando-as.

Na *Introdução ao estudo da fotografia e da telegrafia do pensamento*, trabalho depois publicado nas *Obras Póstumas*, ela faz então do perispírito um estudo completo, tanto quanto comportava a ciência espírita de seu tempo, estudada e revelada. Outros autores também se têm ocupado do perispírito, podendo-se apontar as pesquisas teóricas de Gabriel Delanne, na maioria de suas obras¹³ como excelentes contribuições para seu estudo. Apesar disso, não se pode afirmar que o perispírito já esteja suficientemente estudado.

O que era preciso fazer-se mais rigorosamente era a diferenciação que existe entre o perispírito e a alma, a determinar melhor a sua verdadeira função. Em alguns escritores espíritas, ele aparece mais ou menos confundido com a alma, dando-se-lhe certas qualidades psicológicas que, parece, não pode ter. Por isso, seria indispensável, pelo menos, o conhecimento completo de todas as suas propriedades e uma compreensão melhor de sua constituição. Ora, as propriedades do perispírito, que se conhecem, neste momento, como as de dilatação, penetrabilidade, condensação, assimilação, e a simples noção de sua natureza eletromagnética, não podem dar a chave de todos os problemas espíritas em que ele entra em jogo. Sua constituição é apenas conhecida em princípio. O perispírito, ficou confirmado, provém das transformações do fluido cósmico,

¹³ *Le Spiritisme devant la Science*, 1904; *L'Evolution Animique*; *L'Ame est Immortelle*, 1906; *La Reincarnation*, 1924.

que é a matéria originária universal, transformações dadas ou passadas nos meios ambientes planetários, o que quer dizer que sua constituição fluídica não pode deixar de variar com a constituição radioativa de cada planeta. Mas como em cada planeta, no seu ambiente, existem elementos fluídicos de naturezas diferentes, mais grosseiros ou mais depurados, o espírito, na formação de seu perispírito, absorve somente aqueles que estão em relação com seu grau de evolução espiritual. Allan Kardec diz que o perispírito é uma das individuações do fluido cósmico.

Um fato notável é que o perispírito, ainda que esteja sujeito a mudanças ou reformas moleculares, à medida que o espírito vai fazendo sua evolução espiritual, ocasionando por sua vez estados vibratórios coloridos, sujeitando-se cada vez menos no plano espírita à lei de gravidade, sua individuação não sofre abalos. Ele tem, por assim dizer, uma “forma específica” e natural. Dada sua constituição fluídica, essa forma não pode deixar de ser móvel. Sob o impulso da vontade, ele pode aparentar figuras fluídicas diferentes, indefiníveis muitas vezes, assim como pode tomar a forma humana de qualquer encarnação que o espírito tenha tido, e mesmo a forma animal, tratando-se principalmente de espíritos ainda inferiores.

No que se refere à origem do espírito, as ideias na época da fundação do espiritismo não ficaram de todo firmadas. Em 1857, quando foi publicado *O Livro dos Espíritos*, a opinião de Allan Kardec era que o “ponto de partida do espírito era um desses assuntos que tocavam na questão do princípio das coisas, de que só Deus tem o segredo, que não é dado ao homem conhecê-lo de uma maneira absoluta, pois ele somente poderia fazer suposições e edificar sistemas, assim como os próprios espíritos”.¹⁴

¹⁴ Allan Kardec, *Le Livre des Esprits*, n° 611, nota.

De fato, isso era impossível desde que se tentasse recuar a questão da origem do espírito à indagação de sua criação ou formação primitiva, e se procurasse buscá-lo num passado longínquo. Entendida, porém, de modo menos transcendental e envolvida na questão das relações entre o espírito e os animais, ficando ou não o espírito como resultante da evolução da alma animal, a questão da origem do espírito podia ser mais facilmente abordada. Nisso ainda as opiniões dos espíritos eram divergentes.

Era muito difícil, confessava Allan Kardec, estabelecer uma linha de demarcação entre a inteligência do animal e a razão do homem. Continuando a cogitar do assunto, ele encontrou sempre divergências. Nas ideias emitidas não havia unidade de vistas. Algumas vezes não havia clareza nas comunicações. Outras vezes eram fugitivas. Nunca opinião nenhuma lhe satisfez inteiramente. Assim, se ele não foi induzido ao erro, foi, entretanto, pouco esclarecido, sobre o assunto.

“Segundo alguns espíritos, lembrava Allan Kardec, o espírito não chegava ao período humano senão depois de ter sido elaborado e individualizado nos diferentes graus dos seres inferiores da criação. Segundo outros, o espírito do homem sempre pertenceu à raça humana, sem ter passado por uma fieira animal.”¹⁵

Como se vê, os conhecimentos adquiridos não eram ainda satisfatórios. Acrescente-se a isso a influência que, diz ele, “exerciam, a seu pesar, os pareceres duma maioria que se acreditava ofendida, quando se emitia a opinião que nós podíamos provir em linha reta, de transformações, das raças animais”, e compreender-se-á a razão por que a opinião de Allan Kardec não estava bem assentada. Como podia ele, então, firmar com segurança, sobre a origem do espírito, um juízo exato? Que conclusões podia ele tirar dessa diversidade de julgamen-

¹⁵ Allan Kardec, *Le Livre des Esprits*, nº 611, nota.

tos, dessa insuficiência de ideias, senão que sua elucidação definitiva devia ser adiada para outros tempos?

Não foi senão muito tempo depois, em 1868, quando publicou *A Gênese segundo o espiritismo*, que Allan Kardec, por influência de seus guias espirituais, considerou a questão da origem animal do espírito, como uma questão assentada no espiritismo. Posteriormente na vida espírita, ele a confirmou com uma “verdade verificada”. Disse mais ainda, com a certeza que adquiriu nas investigações diretas, que o espírito, tendo perpassado pelo reino vegetal, como agente vital,¹⁶ aparece depois como estágio de uma longa evolução da inteligência ou alma animal, tendo passado por certas transformações e concluído sua elaboração num corpo humano, sujeitando-se ao cadinho de uma encarnação especial, “para revestir a forma tipo dos perispíritos”. É quando se pode dizer, talvez, que ele é criado simples e ignorante, ensaiando-se para uma nova vida, para um novo futuro, que poderá alcançar, sujeito a determinadas condições de progresso, encarnado ou não.

Provada a existência do espírito e sua independência por toda uma fenomenologia, já muito estudada, desde Allan Kardec, por todas as manifestações do mediunismo, não há razão para se deixar de admitir a sobrevivência. Havendo uma desencarnação com a morte, a alma com seu invólucro ou corpo fluídico sobrevive e toma o nome mais particular de espírito, conforme lhe chamou Allan Kardec. Com todos os estudos feitos sobre a sobrevivência, decorrentes do próprio problema do mediunismo, e com os ensinamentos dados pelos espíritos, nada tem de extraordinário a dedução para a imortalidade.

III

Na Terra, o homem compõe-se de três elementos: o corpo físico, a alma e o perispírito ou corpo fluídico.¹⁷

¹⁶ Allan Kardec, partindo do reino vegetal, não quer dizer que a questão da origem e evolução do espírito não possa ser levada mais longe.

¹⁷ Allan Kardec, *Le Livre des Esprits*, cap. II, nº 135.

O corpo físico, sendo o invólucro terrestre do espírito, recebe do espírito uma função ativa e ao mesmo tempo lhe serve de instrumento. O espírito deve tirar dele todo o proveito possível para o seu desenvolvimento espiritual.

Vê-se assim o importante papel que o corpo físico representa na vida terrestre. O espírito tem o dever não só de dirigi-lo como de dominá-lo, devendo tirar-lhe a autonomia que ele procura exercer. É uma aquisição de energias, ou antes, de vibrações novas que o espírito procura fazer na forma corporal. E quanto maior for a luta pelo seu predomínio, maior é o mérito, mais ele aumenta seu patrimônio espiritual e desenvolve suas faculdades, mais se desprende das cadeias materiais, mais se subtiliza enfim. De maneira que o corpo na vida terrestre tanto tem um papel físico como moral.

Na encarnação, o papel físico se resolve na questão das relações da alma com o corpo. É uma velha questão já muito debatida no domínio da metafísica, ainda que considerada de outro modo, a que o espiritismo vem agora dar uma explicação mais acertada, mais verdadeira.

O dualismo espiritualista, que é a corrente filosófica mais aproximada do espiritismo, não tem podido até hoje senão mostrar simplesmente a independência da alma com relação ao corpo. Quase nada tem dito sobre o modo por que se faz a união das duas substâncias. Concebendo a alma como elemento imaterial puramente, ele não pode ver como essa alma pode manifestar-se por um corpo que é matéria, que é extensão.

Por outro lado, os materialistas, levando tudo à matéria, tomam a alma e o corpo como um só ser e consideram a alma ou antes os fenômenos psíquicos como fenômenos da natureza dos fenômenos psíquico-químicos. Negam destarte a existência da alma como uma entidade independente do corpo.

Para o paralelismo psicofísico ou psicopsicológico, a alma e o corpo, isto é, o elemento psíquico e o elemento físico aparecem como equivalentes, como duas séries paralelas, que se correspondessem termo a termo.

No espiritismo, a concepção da natureza da alma sendo outra, a questão da alma com o corpo é de outra ordem. O espiritismo não alega unicamente, como faz o dualismo espiritualista, que a alma existe no corpo, que ela se distingue dele, que ela tem relação com ele. O espiritismo alega mais do que isso: alega que o que ele chama alma ou espírito encarnado tem uma existência independente no tempo e no espaço, que é sobrevivente, que é preexistente. Por isso ele deve mostrar, antes de tudo, como se faz o processo da encarnação do espírito, quais são os elementos do espírito que se encarnam, para que se possa compreender melhor como ele fica localizado no corpo, como funciona, como se opera, enfim, a união. Não é que o espiritismo tenha já abordado a questão nessas condições. Allan Kardec não a tratou senão de um modo geral. Em todo o caso, com a base que possui, com o pouco que já tem sido dito pelos espíritos, o espiritismo está mais apto para fornecer elementos para o estudo da questão que as outras doutrinas existentes.

O que o dualismo espiritualista não pôde fazer, isto é, explicar a comunicabilidade das duas substâncias que aparecem como heterogêneas, o espiritismo explica fazendo entrar em jogo o perispírito como elemento intermediário entre a alma propriamente dita e o corpo.

Essa afirmação nada tem de extraordinária desde que se atenda a que o perispírito é um organismo fluídico semimaterial, isto é, tendo a natureza material e etérea ao mesmo tempo, podendo mais facilmente comunicar-se com a matéria viva, podendo mais facilmente distribuir seus feixes vibratórios pelas fibras nervosas, pelo sistema nervoso enfim e estabelecer-se assim a polarização. É por meio dele, portanto, que se executa a biologia humana.

Se o cérebro é o instrumento de que se utiliza a alma na encarnação, para perceber as sensações externas e transmitir as sensações espirituais ou internas, não é senão pelo perispírito que essas ações se produzem. É nele que está toda a sensibilidade do ser.

“O corpo fluídico, onde vem se adaptar os circuitos nervosos, é uma maravilha eletrodinâmica.” Ele não é somente um “agente transmissor, mas um acumulador, um realizador de energias”.¹⁸ “O fluido perispiritual, disse Allan Kardec, é o traço de união entre o espírito e a matéria. Durante sua união o corpo é o veículo do pensamento para transmitir o movimento às diferentes partes do organismo, que agem sob a impulsão de sua vontade, e para repercutir no espírito as sensações produzidas pelos agentes exteriores. Ele tem por fios condutores os nervos, como no telégrafo o fluido elétrico tem por condutor o fio metálico.”¹⁹

Agora, como as faculdades que possui a alma se distribuem no cérebro; como se faz detalhadamente a união dessas faculdades com o cérebro é o que não se sabe.

A tese do paralelismo psicofisiológico, considerada nas condições em que ela se apresenta, não podendo ser admitida pelo espiritismo no estudo das relações do espírito encarnado com o corpo, contudo deve ser aceita em princípio, como um recurso, que se pode utilizar para definir essas relações.

É uma tese de que nos podemos apoderar como princípio de pesquisa, para exprimir um estado que, na verdade, deve existir. Necessariamente as coisas se devem passar como se existisse mesmo um certo paralelismo nessas relações, guardando todavia o espírito encarnado sua origem e independência. E como esse paralelismo psicofisio-

¹⁸ Symbole: *La Tombe Parle*, pág. 360.

¹⁹ Allan Kardec, *La Genèse selon le Spiritisme*, cap. XI, n° 17.

lógico implica a existência de localizações corporais, ou antes, cerebrais, estas devem existir para o espiritismo, conquanto devam ser tomadas no sentido mais lato, a fim de que possam ficar fixadas as manifestações da alma.

O princípio do paralelismo já foi mesmo estabelecido por Allan Kardec. “O desenvolvimento orgânico, disse ele, está sempre em relação com o princípio intelectual; o organismo se completa à medida que as dificuldades da alma se multiplicam; a escala orgânica segue constantemente em todos os seres a progressão da inteligência desde o pólipó até o homem; e nem podia deixar de ser de outro modo, pois que é preciso para a alma um instrumento apropriado à importância das funções que ela deve preencher. Que serviria a ostra ter a inteligência do macaco, sem os órgãos necessários à sua manifestação?”²⁰

Sabe-se que o paralelismo psicofisiológico, que tem sido aceito pela ciência e por grande número de filósofos, tem sido combatido por certos filósofos também, mormente por Henri Bergson, que lhe fez uma crítica corrosiva, e por certos metapsiquistas como Gustave Geley, que o combateu estribado nas aquisições da psicologia supranormal. Ernesto Bozzano, que é um espiritista científico, o admite, mas com restrições, tendo produzido a respeito uma teoria que interessa o espiritismo. É uma teoria complementar da de William James, o conhecido filósofo americano, dando ao cérebro não somente funções de “transmissão”, como de “tradução”.

“O cérebro, diz Bozzano, tem uma dupla função: a de *tradução* e em seguida a de *transmissão*. Isto é, as vibrações específicas, que chegam ao cérebro, do mundo exterior, pelos sentidos, são nele *traduzidas* em termos sensório-psíquicos perceptíveis pelo *espírito*, não podendo o *espírito* perceber as vibrações *físicas*. Resulta disso um

²⁰ Allan Kardec, *La Genèse selon le Spiritisme*, cap, VIII, n.º 7.

estado de consciência ao qual o *espírito* responde opondo a *imagem psíquica* correspondente, graças à qual ele age sobre os centros de enervação *eferente*, que a transmitem à periferia em termos duma ação especializada, correspondente ao estímulo perceptivo originário.”²¹

É uma teoria que tem certo fundo de verdade, mas que é incompleta porque não mostra o papel capital que o perispírito representa nestas funções, perispírito que Bozzano admite.

Uma das razões mais fortes por que se tem procurado combater o paralelismo psicofisiológico provém da alegação de que as partes cerebrais ou certos centros nervosos, que têm sido indicados como localizando certas funções, não correspondem a essas funções. Tomam-se como provas certos dados de anatomia patológica, mostrando que certos indivíduos têm conservado a integridade de suas funções psíquicas, não obstante as alterações ou lesões profundas cerebrais e mesmo a destruição quase total da massa encefálica.

Não há dúvida nenhuma que isso não deixa de ser um argumento de suma importância. Mas, pode-se dizer, também, não são casos comuns, são de valor teórico, é verdade, porém não dão direito ainda a induções definitivas. Também isso não pode invalidar a ideia da necessidade de órgãos ou regiões particularizadas para as manifestações da alma. Para que serviria então um aparelho cerebral tão complicado? O espírito sendo um complexo de centros e forças radiantes, girando em torno de um núcleo monálico diretor, como disse um espírito, pode dar-se o caso de uma compensação fluídica de funções através da matéria cerebral.

É preciso notar-se que na encarnação a união da alma com o corpo não é completa. Por menos que se saiba em que condições permanece o espírito no corpo, o fato é que sua individualidade sofre li-

²¹ Ernesto Bozzano, *Cerveau et Pensée*, Revue Spirite, 1925, pág. 107.

mitações. O espírito não vive no corpo com a totalidade de suas funções. Certas faculdades, qualidades e aptidões desaparecem, sem que se percam. Sua memória, por exemplo, fica minimamente restringida. O que se chama consciência não se manifesta senão em parte, ficando abaixo dela, por assim dizer, uma camada mais extensa, mais profunda, a subconsciência. De maneira que consciência e subconsciência aparecem como os dois aspectos da psicologia do ser humano. São estados criados pela encarnação, que é relativa, sem que se possa dizer que haja cisão da consciência, que guarda sempre sua unidade, sem que se possa dar à subconsciência a extensão de uma segunda personalidade, como querem certos metapsiquistas.

Assim colocado na fronteira de dois planos, o espírito, que vem do invisível com sua psicologia integral, surge no corpo como uma parte voltada para o plano visível e outra para o plano invisível. Enquanto está no corpo, sua atividade psicológica se desenvolve no plano visível ou material. É somente nos casos anormais de exteriorização anímica, ou no sono natural, que a parte do invisível pode emergir.

Falando em subconsciência, já se vê que adoto uma expressão já conhecida e propagada, mas não por admitir a interpretação que lhe dão certos psicólogos. Empregada primeiramente em certos estudos de psicologia patológica, mormente por Pierre Janet,²² para definir o caráter singular de certos fenômenos apresentados pelos histéricos no tocante a certas alterações da personalidade, o termo subconsciência aparece depois armado em teoria, com uma extensão que ele não pode comportar, e para explicar exageradamente a maioria dos fenômenos mediúnicos.

No espiritismo, a subconsciência, sendo um estado psicológico inerente à encarnação, ela representa “um domínio mais vasto da memória, como bem disse Léon Denis, abrangendo as exterioridades da

²² Pierre Janet, *L'Automatisme Psychologique*, 1889, e prefácio da edição francesa do livro de Jastrow, *La Subconscience*.

alma e as aquisições de suas vidas passadas”.²³ Isso não quer dizer, entretanto, que as impressões e sensações recebidas inconscientemente e os conhecimentos obtidos e esquecidos da presente encarnação não possam ficar também gravados na subconsciência e irrompam em condições articulares.

Outra consequência, que resulta da preponderância que tem o espírito na constituição do homem, é a mudança de orientação que toma o problema da personalidade, que é o problema mais árduo da psicologia, problema que tem sido algumas vezes julgado insolúvel.

O espiritismo mostrando a existência do espírito no corpo, é claro que o problema da personalidade, para ele, não pode deixar de resumir-se na ideia de que o Eu sintetiza o espírito encarnado, sendo a ideia do Eu a que forma a base da personalidade. Ele toma assim outra amplitude, outra direção.

Vê-se então que a teoria, que o espiritismo pode edificar, não poderá ser comparada mesmo com a teoria espiritualista, fundada na unidade e multiplicidade do Eu, que ainda assim é insuficiente, e muito menos com a teoria orgânica, que tem seu fundamento no organismo, e para qual o problema da personalidade é, antes de tudo, um problema biológico, como diz Theodule Ribot.²⁴

IV

Outro princípio em que está fundado o espiritismo é o da possibilidade da comunicação entre os espíritos desencarnados e os espíritos encarnados. Essa comunicação se verifica largamente, mostrando, assim, que não há separação profunda entre o nosso mundo e o mundo invisível.

²³ Léon Denis, *Le Genie Celtique et le Monde Invisible*, pág. 238.

²⁴ Theodule Ribot, *Les Maladies de la Personnalité*, pág. 172.

Esse princípio, que pode ser reputado como o mais original dos princípios do espiritismo, basta por si só, como já foi observado, para o distinguir das outras doutrinas espiritualistas.

Não é que a comunicação com o mundo invisível não se tenha sempre dado mais ou menos. O espírito tendo sempre existido, assim como o indivíduo de natureza particular que se chama **médium**, que lhe serve de intermediário, é certo que essa comunicação devia sempre ser feita.

A originalidade da comunicação, ao ponto de constituir um princípio fundamental para o espiritismo, está em ser ela um fato contínuo, permanente, e aparecer como um método de “permuta regular e seguida de pensamentos” entre os dois mundos, visível e invisível.

Fazendo-se o estudo das comunicações espíritas, vê-se que certos fenômenos físicos dão lugar à expedição de mensagens ou comunicações, mormente o de audição ou pneumatofonia, como lhe chamou Allan Kardec, e os de visão em certos refletores. Sabe-se que um médium tanto pode ouvir sons e cantos, como palavras soltas e frases seguidas. Ele pode chegar a obter as melhores comunicações, prestando-se para isso, sobretudo, a audição intracerebral.

O mesmo pode dar-se com as visões no copo d'água ou no cristal, servindo de refletores. Neste particular, as comunicações, que foram recebidas pela conhecida escritora espírita Antoinette Bourdin, que formam sua obra, devem ser apontadas como as mais notáveis.

Foi contudo pela tiptologia, pela linguagem convencionalizada de pancadas numa pequena mesa, que as primeiras comunicações foram feitas. Elas foram recebidas também por meio de outros objetos apropriados. São certamente meios de comunicações rudimentares, mas que já deram lugar à expedição de mensagens importantes, e que ainda hoje são usados.

Essas comunicações não podem estar sujeitas ao mesmo mecanismo por que é expedida a comunicação pelos órgãos do médium. Tratando-se de corpos inertes, é natural que eles só possam ser movidos pelo processo fluídico que rege as manifestações físicas, pela vitalização da matéria, de modo que os movimentos do objeto, que bate ou indica as letras, possam ser feitos livremente na direção da vontade do ser invisível. São fenômenos que poderiam ser taxados de mecânicos simplesmente, se não apresentassem a característica das comunicações.

É por meio dos órgãos do médium, isto é, pela palavra e pela escrita, pela psicofonia e pela psicografia, que se tem meios mais elevados e seguros de comunicação. Na comunicação verbal, são os órgãos vocais do médium que são acionados. É uma particularidade do médium que “fala”, que dá a comunicação falada, a de ser forçado, por uma pressão fluídica, a abrir a boca e falar, o que é diferente do médium que fala por sua livre vontade em outros modos de comunicações.

Ainda diversa da comunicação “falada”, aparece a que se dá por incorporação, pela “transusão energética”, como diz um espírito, oferecendo certos perigos pelo “mecanismo muito delicado” que apresenta, e exigindo do espírito que se comunica ou dirige a comunicação, a fim de evitar perturbações orgânicas no médium, o conhecimento exato da “imiotaxia fluidoplásmica.”²⁵

Quanto ao mecanismo da psicografia ou comunicação pela escrita, quer seja mecânica, semimecânica ou intuitiva, ela não varia em essência. É pela transmissão do pensamento do espírito, é com a mesma linguagem que empregam os espíritos entre si, que essas comunicações se efetuam, notando-se que os pensamentos são percebidos pelo médium na “razão de suas faculdades intelectuais”.

²⁵ Symbole, *La Tombe Parle*, pág. 369.

Compreende-se então que quanto maior for o material cerebral possuído pelo médium, isto é, quanto maior for a soma de aquisições intelectuais, atual, ou anterior em estado latente, e mais elevada sua moral, mais está ele apto para apreender e traduzir os pensamentos do espírito. Isto por que no cérebro do médium, diz o espírito de Erasto, que foi quem dirigiu, por assim dizer, a parte científica do espiritismo na sua fundação, são encontrados os elementos próprios para dar ao pesamento do espírito a parte correspondente a esse pensamento.²⁶ Nesse caso, mediúnizado o médium e postos os dois perispíritos em correlação, o espírito tem apenas o trabalho de impulsionar a mão que escreve.

Vê-se daí que as comunicações, dadas por um médium de pouco adiantamento, são mais difíceis. Não encontrando nele elementos intelectuais suficientes, o espírito é obrigado a fazer um grande esforço para se comunicar, é forçado a decompor seus pensamentos, a formar a frase, palavra por palavra, letra por letra.

Por outro lado, quando um espírito satura o médium com os eflúvios de seus pensamentos, principalmente na psicografia intuitiva, há uma mistura de ideias, mormente se o médium não é bastante passivo. Toda a dificuldade está nesse caso em saber distinguir-se o que é próprio e o que é estranho. Essa dificuldade é em parte afastada com o exercício. Com a faculdade desenvolvida e treinada, o médium pode colocar-se num estado de funcionamento perispirítico tal, que ele pode receber com inteira passividade os choques vibratórios do espírito que se comunica, e transmitir seus pensamentos.

A transmissão do pensamento tem um processo desconhecido. Pode-se dizer, entretanto, que ela está envolvida numa outra

²⁶ Allan Kardec, *Le Livres des Mediums*, nº 225.

questão mais importante, qual a de saber-se que o pensamento, além de seu poder motor e seu poder plástico ou organizador, possui o poder radiante, poderes todos, aliás, que aparecem como propriedade da Energia Psíquica.

É preciso lembrar também que as comunicações ou mensagens de um espírito podem ser recebidas por diversos médiuns. É um fenômeno de que já falou Léon Denis: “Acontece algumas vezes que muitos médiuns escreventes obtêm simultaneamente mensagens assinadas com o nome de um mesmo espírito e exprimindo ideias idênticas sob formas diferentes.”

Mas qual é o processo de irradiação ou de emissão fluídica de que se utiliza o espírito para fazer essas comunicações? Como põe ele em ação seu pensamento, de modo que possa impressionar simultaneamente diversos médiuns?

Um dos espíritos guias do escritor citado, encontrando no fenômeno analogia com o fenômeno físico da transmissão de certas ondas eletromagnéticas na telefonia sem fio, afirma que ele se verifica em condições idênticas: “A telefonia sem fio, diz o espírito consultado por Léon Denis, mostra que uma centelha elétrica, produzida por uma corrente de alta frequência, envia ondas em todas as direções. E essas ondas podem ser captadas por aparelhos receptores igualmente dispostos em todas as direções. Uma mesma mensagem pode, pois, ser percebida ao mesmo tempo por muitos ouvintes.

Esse fenômeno está baseado na mesma lei que se aplica igualmente às emissões fluídicas. Essas, em vez de serem produzidas por um dínamo, o podem ser pelo pensamento dirigido voluntariamente. Um espírito encarnado ou desencarnado pode, pois, produzir em condições determinadas uma centelha exatamente semelhante à centelha das correntes de alta frequência e enviar ondas em todas as

direções. Essas ondas podem ser percebidas por sensitivos encarnados ou desencarnados, representando o papel de receptores. Em espírito desencarnado pode perfeitamente, segundo suas leis, influenciar no mesmo momento muitos médiuns, ficando no plano que ele ocupa habitualmente; pode enviar uma mensagem escrita, uma mensagem visual (transporte de imagens pelo telefone), uma mensagem auditiva etc, segundo os médiuns influenciados. E como as faculdades intelectuais são mais delicadas no nosso plano que no vosso, poderá ditar a seus médiuns muitas mensagens de formas diferentes, sem que para isso tenha necessidade de deslocar-se.”²⁷

Depois de ter descrito certos modos de “comunicações” e mostrado ligeiramente alguns de seus mecanismos, é preciso ver a qualidade. Já se vê que ela não pode deixar de estar na razão do adiantamento moral e intelectual do espírito que se comunica.

Assim, como bem disse Allan Kardec, as comunicações “devem refletir a elevação ou a baixeza de suas ideias, seu saber ou sua ignorância, seus vícios ou suas virtudes”. Por isso, está também na capacidade moral e intelectual do médium aceitar ou evitar essas comunicações.

A regra geral é que tudo depende do ambiente formado pelo médium, tudo depende da harmonia fluídica que se estabelece com o espírito, provocando a atração ou a repulsão. Nessas condições, as comunicações podem ser, como as classifica Allan Kardec, grosseiras, frívolas, sérias e instrutivas. Não é preciso dar aqui exemplos de cada uma dessas classes de comunicações. Pode-se dizer, entretanto, que na classe das instrutivas existe grande número delas, isoladas ou formando livros, de grande valor moral, filosófico e científico.

²⁷ Léon Denis, *Esprits et Mediums*, pág. 63.

V

A ideia da reencarnação ou pluralidade das vidas corporais, de que o espiritismo fez um de seus princípios fundamentais, não é nova. É uma ideia já há muito tempo espalhada, não só entre certos povos selvagens, como civilizados. Era ela ensinada por certos filósofos antigos e aceita por todos os iniciados. Quando o Cristo andou no mundo, a reencarnação era uma ideia admitida entre os judeus, conforme se vê de certos textos do Novo Testamento. No Oriente, ela está extremamente divulgada, e na Índia constitui a base da maioria de seus sistemas filosóficos e religiosos. “Ensinando o dogma da pluralidade das existências corporais, lembra Allan Kardec, os espíritos renovam uma doutrina que teve origem nas primeiras manifestações do mundo.”²⁸

Estudando porém a doutrina da reencarnação, Allan Kardec a aceita, não unicamente porque ela venha dos espíritos ou foi difundida por eles, quando se formou o espiritismo, mas porque ela é uma doutrina perfeitamente lógica. “Mesmo que ela fosse da autoria de um simples mortal, tê-la-íamos adotado. Assim também tê-la-íamos repellido mesmo provinda dos espíritos, se nos tivesse parecido contrária à razão, como repelimos muitas outras ideias, pois sabemos, por experiência, que não se deve aceitar cegamente tudo o que venha deles, como não devemos aceitar, às cegas, tudo o que venha dos homens.”

Somente a doutrina da reencarnação pode resolver questões que, sem ela, se manteriam inexplicáveis, sendo ao mesmo tempo “altamente consoladora”. Nela está encerrada para o homem toda a ideia de progresso, de evolução. É pela repetição das vidas corporais que o progresso moral e intelectual do homem pode ser ativado, sem querer dizer com isso que esse progresso não possa ser realizado também no estado de desencarnação. Mas, nas vidas corporais, ele se faz em outras condições.

²⁸ Allan Kardec, *Le Livre des Esprits*, n° 222.

Para estudar a questão da reencarnação, Allan Kardec colocou-se em *O Livro dos Espíritos* nos dois pontos de vista opostos, o da unicidade, isto é, o daquele em que a alma nasce com o corpo, e o da pluralidade das existências, isto é, o daquele em que a alma, preexistindo ao corpo e tendo já tido outras vidas corporais, instala-se num outro corpo, como o homem em sua morada. Depois ele procura ver os fatos que aprovam um e desaprovam o outro ponto de vista, tanto no presente e passado como no futuro.

Assim, admitindo, por hipótese, na tese da unicidade, que a alma nasce com o corpo, ele pergunta por que razão, com essa tese, não é possível explicar certos fatos que se dão. Ele nota como as aptidões são tão desiguais, mesmo independentemente da educação. Ele vê como as crianças mostram tendências tão diferentes. E as ideias inatas donde vêm? Ele pergunta ainda por que os homens são uns mais adiantados, isto é, mais inteligentes, mais moralizados? E por que há selvagens e homens civilizados? É possível fazer dum hotentote, por exemplo, mesmo que fosse educado nos melhores liceus, um Newton ou um Laplace? Seria uma iniquidade se se fizesse provir tudo isso do organismo. Era dar à matéria um predomínio perigoso.

A ideia de responsabilidade teria que desaparecer do homem, e tudo seria levado à conta de imperfeições físicas. Tudo assim estaria em desacordo com a justiça divina. “Se cada alma é criada no momento do nascimento, diz ainda um escritor, por que as qualidades mentais, morais e espirituais são tão diferentes nos indivíduos, variando desde a ignorância e a imoralidade do selvagem até a sabedoria e a elevação moral do santo?”²⁹ Admita-se agora a pluralidade das existências, com a diferença de idade das almas encarnadas, com a diferença de adiantamento de cada uma e com seus destinos resultantes de seus passados, que todos esses fatos ficarão explicados.

²⁹ Irving S. Cooper, *La Reincarnation*, trad. fr., pág. 77.

Muitos outros fatos podem ser indicados, que estão fartamente enumerados em diferentes trabalhos espiritualistas, mormente nos de Gabriel Delanne (*La Reincarnation*, 1924;); Léon Denis (*Probleme de l'Etre et de la Destinée*); Henri Regnault (*Tu Revivras*, 1926); Albert De Rochas (*Les Viés Successives*, 1911); Paul Lancelin (*La Vie Posthume*, 1923, e *Reincarnation*); Irving S. Cooper (*La Reincarnation*, trad. fr., 1920), todos fatos enfim em que se vê a diversidade de condições psicológicas, morais e sociais nos indivíduos, que não podem ser explicadas senão pelo princípio da pluralidade das existências. Mas há também fatos de outra ordem, como os de recordação, os de reencarnações preditas e outros de ordem experimental, como os de regressão da memória, que aparecem no estudo da reencarnação com um grande valor probatório.

Querendo-se examinar os fatos de recordação das vidas passadas, pode-se apontar o caso de Laura Reynaud, a conhecida magnetista parisiense, estudado por Henri Durville, não como um caso completo, mas como um dos mais precisos. As recordações que Laura Reynaud tinha de sua vida precedente eram muito claras. Certas passagens dessa existência lhe surgiam com uma limpidez inaudita. Ela sabia que a alma existia, que sobrevivia, que se reencarnava. Mas não sabia disso teoricamente, sabia-o de experiência própria, sabia porque se lembrava perfeitamente que já tinha vivido. Lembrava-se muito bem da casa em que tinha morado, com suas dependências, que depois encontrou, onde entrou e a reconheceu. Tinha uma nitidez na mente a personagem que era, lembrava-se muito bem de sua moléstia, sabendo demais como tinha desencarnado e o local onde tinha sido inumada. Tudo isso deu lugar a fortes pesquisas por parte de Durville, e tudo foi achado conforme a essas recordações. Tudo ficou documentado.

Entre os casos de reencarnação preditos, um dos mais extraordinários é o da menina Alexandrina, filha do Dr. Carmelo Samo-

na, conhecido nos meios científicos da Itália e longamente analisado por Lancelin e Delanne. Foi, como se sabe, um caso nimamente discutido nas revistas italianas e francesas, e que suscitou polêmicas animadas, pelas particularidades com que se apresentou, constituindo um caso admirável de reencarnação. É um caso, como diz Delanne, “inteiramente notável, não somente pelo número de testemunhas que o confirmam, como também pelas circunstâncias que precederam a reencarnação e pelas que se seguiram ao seu segundo nascimento terrestre”.

Com a regressão da memória provocada em condições especiais de magnetização, ou por outra com a exteriorização ou desintegração anímica produzida pela ação magnética em certos indivíduos, tem-se um meio de despertar a memória dos fatos das vidas anteriores e, portanto, um outro modo de demonstrar a reencarnação. Algumas experiências têm sido feitas nesse sentido com êxito, tanto nos meios espíritas como nos psíquicos independentes. São experiências que devem ser repetidas com certos escrúpulos, que devem ser muito bem controladas, não só pelos perigos que acarretam, como pelos prejuízos que podem surgir, provenientes dos erros das fraudes e das autossugestões.

Com a magnetização, mergulhando-se o *sujet* no estado sonambúlico, a exteriorização anímica vai-se tornando progressivamente cada vez maior e a probabilidade de aparecimento da recordação de fatos anteriores ao nascimento vai aumentando, senão em todos os indivíduos, pelo menos em alguns, pelo menos nos *sujets* de maior evolução espiritual. Nas experiências que o espiritista espanhol José Maria Fernandez Colavida fez, segundo narrou Estevã Marata no Congresso de 1900, ele levou seu *sujet* até a quarta encarnação. Rochas não teve menor sucesso com alguns de seus *sujets*, nas experiências que realizou durante alguns anos.

Já se vê que, quanto maior for a desmaterialização, quanto mais desmaterializado for ficando o indivíduo com a magnetização, mais as vibrações de seu perispírito vão se modificando, mais ele pode ter a possibilidade de ir lendo, em camadas superpostas, os fatos de suas existências passadas.

Há a notar, entretanto, que nem todos os fatos narrados pelos *sujets* nessas experiências são recordações. São, antes, quadros fluídicos, são visões produzidas pelo espírito, mas que mesmo assim, desde que representam fatos verdadeiros das existências passadas do *sujet*, não deixam de concorrer para mostrar a veracidade da reencarnação.

Enfim, com as revelações que foram feitas pelos espíritos na época da fundação do espiritismo, afirmando a reencarnação e discutidas logicamente por Allan Kardec, sendo a reencarnação demais a confirmação de um fato anteriormente conhecido, ela não podia assim deixar de constituir um dos princípios do espiritismo. Ela se acha perfeitamente provada, para que as negativas possam invalidá-la.

Capítulo V

O PROBLEMA MEDIÚNICO

Foi por intermédio do mediunismo que o espiritismo fez seu advento. Foi com seu concurso que sua sistematização foi feita, que seu corpo de doutrina foi criado. O mediunismo, surgindo então em bloco, aparece como um movimento inteiramente novo e permanente. Ele ficou formando toda a aparelhagem de manifestações espíritas e de “comunicações”, entre o mundo invisível e o mundo visível, e por onde devia ficar vazado todo o material que havia de constituir as bases do edifício que ia ser erguido. É em torno dele que começa a girar toda a arquitetura do pensamento espírita.

Depois da publicação de *O Livro dos Espíritos*, o intuito principal de Allan Kardec é justamente fazer o estudo dessas manifestações e de tudo o que tem relação com o médium. É o que compreende a *Instrução prática sobre as manifestações espíritas* (Instructions pratiques sur les manifestations spirites) publicada em 1858 e *O Livro dos Médiuns* (Les Livre des Mediums, 1861). Esses dois livros são ainda hoje duas fontes imprescindíveis, as primeiras fontes onde todos os que são médiuns e os que se servem de médiuns, devem ir beber.

Fazendo o estudo das forças mediúnicas, Allan Kardec julgava, entretanto, que nenhuma experiência devia ser tentada sem o conhecimento prévio da teoria, pelo menos nos seus dados preliminares. Dá-se com o espiritismo o mesmo que se dá com as outras ciências. Para que sejam feitas experiências em qualquer outro ramo da ciência, é necessário possuir-se conhecimentos, ainda que elementares dessa ciência. “Para fazer-se experiência de física ou de química, lembrava bem Allan Kardec, é preciso conhecer-se a física e a química.”

Com a lógica é que poderão ser obtidos os melhores resultados no estudo do espiritismo. Não será com experiências exclusivamente que a maioria dos descrentes ficará convencida. “Desde que nos ocupamos de espiritismo, disse Allan Kardec, muitas pessoas nos têm vindo procurar mostrando-se indiferentes ou incrédulas diante dos fatos os mais patentes, e que não se convenceram senão mais tarde depois de uma explicação racional. E quantas não têm sido persuadidas sem nada terem visto, mas unicamente porque tinham compreendido! É, pois, por experiência que falamos, e é também porque dizemos que o melhor método de ensino espírita é de se dirigir à razão antes de se dirigir aos olhos.”³⁰

Isto não quer dizer que Allan Kardec menosprezasse os fatos. Sua importância não pode ser contestada. O que ele diz é que os fatos sem o raciocínio não bastam para firmar convicções. Mostrando-se que eles não têm nada de contrário à razão, fica-se mais disposto a aceitá-los. Dez pessoas, diz ele, que assistam a uma sessão de experiências, ainda que seja das mais satisfatórias, nove sairiam sem crer, porque as experiências não podem corresponder à sua expectativa. Será de outra maneira se elas tiverem o conhecimento teórico antecipado. O insucesso que haja, porventura, não as surpreende, porque elas conhecem as condições em que os fatos se produzem e vêem que é preciso não exigir senão aquilo que pode ser dado. A inteligência dos fatos as põe em estado de perceber as anomalias, permitindo-lhes apreender uma multidão de detalhes, de nuances, que para elas são meios de convicção e que escapam ao observador ignorante. “Tais são os motivos, acrescenta Allan Kardec, que nos levam a não admitir nas nossas sessões experimentais, senão as pessoas que possuam noções preparatórias, suficientes para compreender o que se faz nelas”.³¹

³⁰ Allan Kardec, *Le Livre des Mediums*, nº 31.

³¹ Idem, nº 38

O médium tendo representado um papel decisivo na constituição do espiritismo, pergunta-se então o que é um médium, o que é a mediunidade.

É desnecessário discorrer aqui sobre a causa principal da mediunidade, bem entendido, da mediunidade real e efetiva, isto é, sobre a causa moral, com que ela se apresentou. O espiritismo aparecendo com os foros de uma filosofia eminentemente regeneradora e o mediunismo em conjunto tendo sido seu modo único de divulgação, a mediunidade em particular não podia deixar de trazer a mesma finalidade moral. O que é preciso saber agora é em que condições físicas, ou antes, fisiológicas, ela se opera, e o que constitui uma natureza mediúcnica.

A questão fisiológica da mediunidade não foi ventilada na época do aparecimento do espiritismo. Tendo sido alegado apenas que a mediunidade provinha do organismo ou que dependia de um organismo mais ou menos sensitivo, não era resolver a questão. Parece mesmo que ela não poderá ser resolvida ou bem elucidada, senão depois de ter sido feito o estudo das funções perispirituais no indivíduo. O que hoje se sabe também pouco adianta. Confirma-se a mesma ideia com um pouco mais de precisão. É, de fato, em virtude de um organismo apropriado que a mediunidade se verifica. Ela depende, na expressão de um espírito esclarecido, de uma constituição orgânica físico-química especial.³²

O médium é então um indivíduo que aparece com a faculdade de filtrar por si, num estado especial, ou sob ação magnética de um espírito, através dos tecidos orgânicos, sua substância fluídica, total ou parcialmente. Vê-se então se o médium, só por isso, não é uma entidade patológica, como disse Allan Kardec, é, entretanto, um ser anormal.

³² Pierre Cornillier, *La Survivance de l'Ame*, págs. 120 e 147.

O estudo das principais espécies de médiuns mereceu de Allan Kardec uma análise demorada. Ele as resume, de acordo com seus guias espirituais, num “quadro sinótico” e faz dele, com a “escala espírita”, que é uma classificação dos espíritos, publicada em *O Livro dos Espíritos* e na *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas*, dois elementos essenciais para o estudo do espiritismo.

Considerando o mediunismo, na orientação mesma da classificação feita por Allan Kardec, em relação aos médiuns, quando os divide nas duas categorias de efeitos físicos e intelectuais, nota-se que todo ele foi, na aparição, dominado por dois problemas fundamentais: o das manifestações físicas e o das manifestações intelectuais, ou mais propriamente “comunicações”.

Encarada no sentido mais largo, vê-se que a classificação das manifestações mediúnicas em físicas e intelectuais é ainda a que deve ser adotada. Entretanto, pelo seu caráter geral, ela pode dar lugar a outras classificações, ou, antes, subclassificações, que não podem deixar de ser feitas, desde que se queira estudar as causas dessas manifestações e seus processos. Isso quer dizer que as manifestações mediúnicas, como as físicas, inclusive as biológicas, como as intelectuais, inclusive as psicológicas, não estando todas sujeitas à mesma totalidade de circunstâncias, cada ordem de manifestações deve ser classificada à parte, com seu modo de interpretação, com o estudo, enfim, de seu mecanismo.

Não há necessidade de fazer o estudo das manifestações físicas e das intelectuais, porque foram longamente estabelecidas por Allan Kardec em *O Livro dos Médiuns*. O que ficou dito por ele basta para provar cabalmente a exatidão de certos princípios mediúnicos. O mais importante deles, o mais geral, o que ficou predominando no estudo particular dos fenômenos mediúnicos, é o de necessidade imprescindível da ação dos dois perispíritos, o do mé-

dium e o do espírito operador, ação praticada, ou no sentido de uma combinação fluídica com exteriorização parcial ou total do médium, ou no sentido somente de uma desassociação perispírita com ação orgânica direta. Essa correlação entre os dois perispíritos deve ser indicada assim, como o postulado fundamental do mediunismo.

Por outro lado, essa correlação não se efetua senão por causa de certas propriedades que possui o perispírito, e que já foram indicadas atrás, como as de dilatação, condensação, assimilação, penetrabilidade e magnetização, que devia ser antes considerada como uma propriedade eletromagnética. São elas, pode-se dizer, que fazem germinar nos organismos físicos apropriados, que se vão generalizando cada vez mais, as diferentes faculdades mediúnicas, que podem ser cultivadas e educadas.

É também indispensável não esquecer a influência, não só moral como física, que sofrem os fenômenos mediúnicos, influência sempre exercida, não só pelo estado evolutivo do médium, como pelos meios ambiente e cósmico. Tudo concorre para que sejam criadas situações vibratórias particulares, que são sempre postas em jogo pelo impulso de forças atrativas e repulsivas, e por outras ainda não estudadas, mas observadas.

Capítulo VI

AS QUESTÕES DO ANIMISMO NO ESPIRITISMO

Depois de ter tratado dos fenômenos mediúnicos, examinando seus problemas, é indispensável fazer o estudo dos fenômenos anímicos, isto é, dos fenômenos que são produzidos por certos indivíduos nos estados anormais de seu psiquismo. É claro que o espírito possuindo uma soma de forças próprias, possuindo uma energia inerente à sua própria constituição, possuindo certas faculdades enfim, achando-se encarnado, possa utilizar-se dessas forças, dessas energias, dessas faculdades, embora acidentalmente e limitadamente.

Os fenômenos do espírito encarnado têm sido observados desde a fundação do espiritismo. Allan Kardec em seus livros, principalmente em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns* e em alguns trabalhos que foram publicados na *Revue Spirite*, já se tinha ocupado com alguns deles, já tinha procurado distingui-los. Somente não lhe tinha sido possível desenvolver seus estudos nem lhes dar uma disposição mais rigorosa, de maneira que pudessem formar no quadro da fenomenologia espírita uma classe à parte, e nem criado uma expressão técnica que os particularizasse em conjunto. Mas não há dúvida de que o estudo dos fenômenos da alma no indivíduo estava no espírito da obra kardecista.

Muito mais tarde foi que o escritor russo Alexander Aksakof, num livro notável,³³ que é uma brilhante resposta a um trabalho do conhecido filósofo alemão von Hartman,³⁴ procurando estudá-los, não cabalmente todavia, sugeriu um vocábulo para os qualificar. “Eu proponho, dizia ele, o termo animismo para designar os fenômenos intelectuais e físicos que fazem presumir uma atividade extracorporal à distância do organismo humano, e, mais particularmente, os fenômenos mediúnicos que podem ser explicados pela

³³ Alexander Aksakof, *Animismus und Spiritismus*, Leipzig, 1890.

³⁴ Edward von Hartmann, *Der Spiritismus*, 1885.

ação que o indivíduo exerce além de seu corpo.”³⁵ Era uma expressão já conhecida e usada em outros sentidos, para caracterizar duas doutrinas, uma fisiológica (Sthal), outra sociológica (Taylor), mas que se adaptava perfeitamente às condições de estudo dos fenômenos em questão e que por isso foi conservada. Com essa denominação eles têm sido observados e estudados por outros escritores espíritas, mormente por Delanne, Denis, Benezeeh, Chevreuil, Bozzano, Wauthy.

Para dar melhor ordem ao estudo dos fenômenos anímicos ou espiritóides, como lhes chamou também uma vez Delanne, é preciso que se procure estudar primeiramente os que são produzidos pelo espírito encarnado, utilizando-se de forças ou elementos fluídicos estranhos, isto é, de médiuns. Eles aparecem nesse caso como fenômenos anímico-mediúnicos. São vulgarmente as comunicações pela escrita e pela palavra, as intuitivas e as tiptológicas. São também os fenômenos da incorporação e os de movimentos sem contatos, os de percussão. Todos são, como se vê, fenômenos frequentes no domínio do mediunismo, sendo muitas vezes forçoso um exame atento, uma investigação especial, uma grande sagacidade para os distinguir ou diferenciar.

No que se relaciona com as leis que regem os fenômenos anímico-mediúnicos, deve-se admitir que, tratando-se de fenômenos igualmente provocados com o concurso do médium, essas leis devem ser necessariamente as mesmas que regem o mediunismo, que convém lembrar, não são ainda bem conhecidas. Uma questão, porém, ressalta logo. É a de conhecer-se as condições fisiopsíquicas em que esses fenômenos podem manifestar-se. Sabe-se que não é somente no sono natural que eles podem dar-se, como mostrou Allan Kardec com alguns deles, conforme mostrou Akasakof com

³⁵ Alexander Aksakof, *Animisme et Spiritisme*, trad. francesa da edição russa, pág. 473.

outros e tem sido notado nas investigações espíritas. Eles podem surgir também no transe ou no sonambulismo. Aí o espírito do médium, emancipado como no sono natural, ainda que de outro modo, adquirindo a liberdade de ação espírita, pode, na medida de sua energia e da liberdade adquirida, provocá-los por intermédio de outro médium.

Em suma, pode-se afirmar que, em qualquer estado, em que se verifique uma desintegração profunda e durável do espírito encarnado, o que corresponde a uma desencarnação parcial e temporária, os fenômenos mediúnicos podem ser reproduzidos mais ou menos por ele como fenômenos anímico-mediúnicos.

O espírito encarnado assim como pode provocar certos fenômenos por intermédio do médium, pode também provocar outros por si, fora do mecanismo mediúnico, utilizando-se de suas forças ou energia, consciente ou inconsciente. São fenômenos que apresentam características especiais, embora sejam idênticos aos anímico-mediúnicos.

Assim, como fenômenos físicos, eles podem surgir em vigília num leve estado hipnóide, podem surgir nos estados profundos de hipnose ou no sono ordinário, trazendo a emancipação do espírito. Podem ser colocados entre eles os fenômenos de clarividência ou vista psíquica, inclusive a psicometria, os fenômenos de audição, as autotransfigurações, os casos de automaterialização ou desdobramentos, que podem partir dos mais simples ou diáfanos até os tangíveis ou completos, com ações físicas, certos fenômenos de telecinesia e certos *raps*.

Os fenômenos intelectuais podem surgir também em vigília, nos estados superficiais da hipnose, podendo ser classificados entre eles a autopsicografia, ou automatismo gráfico, as intuições, a leitura de

pensamento, as transmissões mentais, que foram conhecidas por Allan Kardec com o nome de telegrafia do pensamento e admitidas hoje com o nome de telepatia.

Assim, embora difiram os fenômenos, quer sejam os anímico-mediúnicos, quer sejam os anímicos propriamente ditos e os estados psíquicos em que eles se dão sejam diferentes, o fato principal é que no *sujet*, isto é, no indivíduo que tem a natureza mediúnica, para a produção desses fenômenos há certamente uma maior ou menor exteriorização ou desintegração das funções perispiríticas e mesmo da alma. Eles podem nesse caso variar na medida dessa exteriorização ou desintegração, em qualidade, e em quantidade, aparecendo como fenômenos mais ou menos simples ou mais ou menos complexos.

Capítulo VII

O PROBLEMA DA IDENTIFICAÇÃO NO ESPIRITISMO

Depois de ter mostrado os princípios das manifestações mediúnicas e anímicas, a questão da identificação no espiritismo aparece com uma importância capital. É uma das questões mais espinhosas do espiritismo.

É preciso dizer que não vou ventilar minuciosamente a questão da identificação nos seus múltiplos aspectos, da identificação que possa surgir com a produção dos fenômenos em geral.

Sabe-se que não é a sobrevivência que fica em jogo na identificação espírita, porque ela é um fato provado para o espiritismo. Assim, não se trata mais de procurar saber se o espírito existe como entidade independente, mas de saber se ele existe através do fenômeno, ou qual o espírito que se revela, ou se ele pode ficar enquadrado na série das provas que possa apresentar.

No espiritismo, não se deve tratar unicamente da identificação dos espíritos desencarnados, isto é, da intervenção que possa haver das individualidades livres e invisíveis, que se servem dos médiuns. Seria nesse caso encarar somente uma face do problema, fazendo-se do espiritismo experimental apenas um problema mediúnico, quando ele é também, como já ficou dito, um problema anímico. A identificação dos espíritos encarnados terá então que ser feita, ela terá que atender no fenômeno à intervenção que porventura possa existir do espírito do médium ou do *sujet*.

Para citar um exemplo do que se alega e onde se acham evidentes os dois aspectos do problema da identificação espírita, basta lembrar o caso do célebre médium suíço Helène Smith, estudado por Theodor Flournoy, antigo professor de psicologia da Universidade de

Genebra, caso que foi estudado com conclusões negativas em face do espiritismo. Tratar-se-ia, sob o ponto de vista do espiritismo, de um lado, da identificação dos espíritos que se comunicavam por seu intermédio, como o de saber se o espírito de Leopoldo, seu diretor espiritual, seria o de José Bálamo ou Cagliostro, o famoso ocultista e médico italiano do século 18, como afirmava, ou se não seria outro qualquer espírito, ou mesmo algum produto da imaginação subliminal do médium ou alguma autossugestão. Por outro lado, seria a identificação que era preciso fazer do espírito de Helène Smith em certas encarnações, que ela afirmava ter tido, revelando-as em hipnose, com suas caracterizações, como a de Maria Antonieta, rainha da França, ou a da princesa hindu Simandini, que Flournoy apresentava, talvez injustamente, como romances subliminais.

Sabe-se, na verdade, com exatidão, quem é a entidade que está invisível, mas que se comunica, que não está no nosso plano, mas que escreve e fala por um intermediário, que não podemos observar diretamente, ou pelos nossos meios materiais de observação, é difícil. Teremos que nos adstringir às presunções, aos indícios, às provas indiretas. De maneira que é para se dizer que a identificação é relativa, admitindo-se que somente as provas subjetivas, isto é, as que tocam a convicção pessoal de cada um, são as que podem ser feitas, não podendo elas assim apresentar, como diz Aksakof, as condições rigorosas das provas objetivas.

Mas essas provas são, às vezes, tão fortes e repetidas, as individualidades ocultas se revelam com tais particularidades e tais detalhes, que das probabilidades pode-se chegar à certeza. Os dados que os espíritos exibem e as investigações feitas em torno deles, podem dar tais resultados, que não é possível deixar-se de acreditar que eles são o que dizem, ou que são as entidades que se supõem. Enfim, se o problema da identificação no espiritismo é difícil de ser resolvido absolutamente,

objetivamente, sob o ponto de vista do puro racionalismo, não é difícil ver-se que ele pode ser resolvido satisfatoriamente com a razão e a intuição. De resto, como diz Allan Kardec, a identificação absoluta é, em muitos casos, uma questão secundária e sem importância real.

É no critério moral que está verdadeiramente a base de uma boa identificação dos espíritos. Como no espiritismo, o aspecto moral é o aspecto fundamental, deve-se procurar então apreender no decurso das manifestações do espírito o seu valor moral, mormente nas comunicações e principalmente quando não se trata de comunicações íntimas, das quais se tenha já a convicção por outros meios.

Toda a questão está então em conhecer a qualidade do espírito que se comunica, se ele é bom ou mau, ficando assim em segundo lugar a pesquisa da individualidade. É neste ponto, diz Allan Kardec, “que se deve concentrar a atenção, porque só ela nos pode dar a medida da confiança que podemos conceder ao espírito, que se manifesta, qualquer que seja o nome com que se apresenta.”³⁶

É pela linguagem, escrita ou falada, que se pode ver a qualidade dos espíritos que eles podem ser julgados. Allan Kardec dá um exemplo: Suponha-se que um homem recebe vinte cartas de diferentes pessoas; pelo estilo, pelos pensamentos, por uma multidão de pequenos fatos, ele julgará as que são instruídas ou ignorantes, bem ou mal educadas, superficiais, profundas, frívolas, orgulhosas, sérias, levianas, sentimentais etc.

Com os espíritos, dá-se a mesma coisa; deve-se considerá-los como correspondentes que não se conhecem e ver o que se poderia dizer do saber e do caráter dum homem que escrevesse ou dissesse tais coisas. Assim, pode-se como Allan Kardec estabelecer como regra que a “linguagem do espírito está sempre na razão do grau de sua elevação”.

³⁶ Allan Kardec, *Le Livre des Mediums*, cap. XXIV, n° 262.

Pode-se objetar que um mau espírito, sendo inteligente, pode empregar numa comunicação a linguagem de um bom espírito. Mas há sempre alguma coisa, um fato, para trair o espírito que mistifica. É muitas vezes questão de conversar com o espírito algum tempo, com perspicácia e pouca credulidade. A linguagem, de qualquer maneira, mostra sempre a sua origem, pelo pensamento ou pela forma.

Quem quiser ver com mais detalhes essa questão, deve consultar *O Livro dos Médiuns*, onde Allan Kardec, com a experiência que tinha e com as instruções dadas pelos espíritos conscientes, enfeixou nalguns princípios os meios pelos quais se pode reconhecer a qualidade dos espíritos.

O que tive em mira foi somente firmar que a identificação é de uma importância muito grande para o espiritismo. O que quis mostrar simplesmente foi a existência da questão para o espiritismo, foi mostrar, de acordo com Allan Kardec, que a identificação é um problema para o espiritismo, que os espiritistas devem ter em vista, manifestando destarte que o espiritismo é uma doutrina de livre exame.

Capítulo VIII

A MORAL DO ESPIRITISMO

I

A moral tem para o espiritismo uma importância tal que, sendo ele uma doutrina filosófica, se torna quase uma filosofia moral. De fato, foi para o espiritismo uma grande ideia, uma ideia fundamental, a de trazer para o mundo uma doutrina que concorresse para provocar uma transformação mais profunda e mais rápida do caráter humano, que viesse, enfim, provocar na humanidade uma reforma moral mais intensa, mais segura.

A moral espírita tem seu fundamento na moral crística. Deixo de empregar propositalmente a expressão cristã, para evitar a confusão que ela pode trazer. A expressão cristianismo enxertada na dogmática das religiões, que têm por base a vida do Cristo, e divulgada geralmente pelos escritores que se ocupam desse assunto, admitida como sinônimo de religião, não pode ser confundida com a que deve ser empregada no sentido do movimento primitivo, que girou em torno da personalidade do Cristo, antes de qualquer organização religiosa, movimento esse que foi, com o acessório das curas e outros fatos extraordinários, todo moral.

Não é que isso importe em repúdio ao cristianismo como religião. O papel que ele representou no mundo até o advento do espiritismo, não obstante todos os seus erros, todos os seus desvios, não deixa de ter tido uma grande utilidade. Ele manteve, através da história, em relevo a personalidade do Cristo, embora erradamente, embora mal interpretada. O movimento somente ou puramente moral, que se fizesse em torno dela, acabada a missão oral de seus discípulos diretos, com as instruções que lhes deu Jesus, não teria talvez a mesma repercussão que teve o movimento religioso, que se fez muito depois de sua morte, mormente porque os escritos evangélicos que ficaram não dão, nem a medida exata da grandeza da missão do Cristo, nem a medida de seu ensino.

É a esse movimento moral provocado pelo Cristo, que o espiritismo fica adstrito na formação de sua doutrina moral. Apresentando-a

com a mesma finalidade com que se apresenta a moral crística na época de seu aparecimento, o espiritismo vem agora confirmá-la, colocá-la em termos mais exatos, vem explicá-la, completá-la, enfim.

“Vossa Bíblia, disse o eminente espírito de Imperator, a Stainton Moses, vos dá uma ideia muito imperfeita da influência que o Cristo exercia em volta dele; ela não insiste bastante sobre o efeito moral que produziam suas palavras e atos. Ela se apoia demasiadamente sobre as falsas interpretações provindas das classes instruídas e consideradas, que, então como sempre, foram as inimigas de toda a verdade nova.” — “A falta daqueles que vos deixaram a única narrativa que possuis da vida de Jesus, é que eles muito se apoiaram sobre a perseguição levada contra ele pela ignorância letrada, e não bastante sobre a dignidade moral de sua existência no meio em que ele vivia. Esses escritores não se aproximaram daqueles que tinham recebido diretamente o ensino de Jesus: eles tomaram de décimas mãos as anedotas que abundavam. Isso importa notar.”³⁷

A moral crística não é inteiramente nova. Ela está no fundo de certos sistemas filosóficos e religiosos anteriores ao Cristo. Ela é a consequência de uma lei natural, de uma lei divina. No profetismo israelita estão seus primeiros delineamentos, tendo ela sua essência na lei mosaica, no Decálogo, que exprime no Antigo Testamento uma parte de verdade, e que foi ditado a Moisés pelos seus guias espirituais, conforme afirmou Imperator. Foi, entretanto, o Cristo que a desenvolveu superiormente, que lhe deu forma característica, que a personificou, enfim. Tendo ela sua fonte principal nos escritos evangélicos, mormente no que tem o nome de Mateus e especialmente no chamado Sermão da Montanha, sofrivelmente relatado, diz um espírito, é neles que o espiritismo pode ir beber. Ainda que duvidosos pelas suas deformações, pelas suas contradições, ainda que deficientes, é neles, todavia, que o espiritismo pode ir buscar os elementos básicos para o estudo e formação de sua doutrina moral, admitindo-os não como documentos sagrados, inerrantes, intangíveis, como o quer a ortodoxia cristã, (Concílio do Vaticano: Constituição

³⁷ William Stainton Moses, *Enseignements Spiritualistes*, tradução do francês, edição comemorativa, págs. 286 e 287.

dei filius, cap. II) mas como documentos narrativos, históricos, sujeitos ao exame e à crítica. Nesse caso, o espiritismo terá que acompanhar o movimento de crítica histórica, que se vai operando em tomo desses escritos há mais de meio século, onde se discutiram certas questões, certos problemas que ele forçosamente deve atender, e que só ele, com seus métodos de estudo e investigação, pode resolver, dando-lhe resultados definitivos.

Também não se pode dizer que a moral do espiritismo seja religiosa. O próprio da moral religiosa é estar confundida num sistema de dogmas e cultos, é ser ela o apêndice de uma religião, é estar ela identificada com os preceitos de uma religião positiva, de tal forma que se torna, às vezes, quase impossível separá-la. Já se vê que não é essa a condição da moral espírita.

Ainda que o espiritismo, embora com restrições, tenha extremo interesse no estudo das outras matérias contidas nos escritos evangélicos, a respeito da vida de Jesus, o que ele procura ver nesses escritos não é o espírito confessional que eles têm, mas o espírito moralista, com a sua metafísica, isto é, com a crença em Deus e com a crença na alma e na vida futura. De maneira que o espiritismo, nem por admitir a existência de Deus, tem uma moral propriamente religiosa, pois que ele a aceita de maneira mais larga e como uma crença racional, a aceita com uma fé raciocinada, compreensiva, não com uma fé cega, como a admitem as religiões.

O mesmo se pode dizer, com relação ao ensino da existência da alma e da vida futura, que ele amplia e lhe dá um caráter mais ou menos experimental. “O que o ensino dos espíritos acrescenta à moral do Cristo, diz Allan Kardec, é o conhecimento dos princípios que ligam os mortos e os vivos, que completam as noções vagas que ele tinha dado da alma, de seu passado, de seu futuro, e que dão por sanção à sua doutrina as leis da natureza.”³⁸

Assim, se se quiser classificar a moral espírita, ela só pode ser classificada como uma moral filosófica, embora se relacione até certo

³⁸ Allan Kardec: *La Genèse selon le Spiritisme*, cap. I, n.º 56.

ponto com a religião natural, porque o espírito do ensino do espiritismo é filosófico, porque ela decorre de sua doutrina que é filosófica.

Sabe-se que a moral do Cristo foi coordenada e estudada por Allan Kardec em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.³⁹

Com a chave que lhe deu o espiritismo, e com o auxílio que lhe trouxeram as instruções ditadas pelos espíritos em diferentes países e por diferentes médiuns, Allan Kardec lhe analisou os preceitos tanto quanto era possível, utilizando-se da edição da Vulgata, traduzida em francês por Le Maître de Sacy, exibindo antes um código de deveres morais, que uma teoria da moral. Mesmo o Cristo não veio fazer moral especulativa. Também não veio fazer da moral que pregava um conjunto de regras apenas para o seu meio. Seu fim foi mais elevado. Ele alegava que os preceitos que revelava, o ensino que dava, eram uma condição de salvação para a humanidade.

Não é mais necessário falar aqui detalhadamente desses preceitos morais, depois de Allan Kardec. O que se procura estabelecer são princípios da moral do espiritismo e mostrar a base que lhe deu a moral do Cristo.

II

No espiritismo, a ideia dominante no ensino doutrinário de sua moral é a de progresso, de evolução moral humana. Já se disse que a moral não é nada se não for o elemento mais essencial e o mais indispensável do verdadeiro progresso da humanidade.⁴⁰ É esse progresso moral, como fator principal do progresso espiritual, que o indivíduo deve ter em mira, sem que abandone o progresso em outros domínios, em outras direções, como o que lhe traz a cultura intelectual, o progresso, enfim, que lhe traz o conhecimento do verdadeiro e do belo.

É um progresso geral que só pode ser feito gradualmente de encarnação em encarnação, neste e em outros mundos habitados mais evoluídos e na vida desencarnada, sempre se passando do inferior para

³⁹ Allan Kardec, *L'Évangile Selon le Spiritisme*, 1864.

⁴⁰ Alfred Loisy, *La Morale Humaine*, pág. III.

o superior, até que se chegue, ainda com a aquisição de novas qualidades, desconhecidas e incompreensíveis para nós, à pureza, a uma perfeição, cujo limite não nos é dado conhecer, mas que não pode ser absoluta, porque perfeição absoluta só a tem Deus.

Se o Cristo disse que procurássemos ser perfeitos como o Pai celeste é perfeito (Mt. V, 18) não foi porque fosse possível atingir a perfeição divina, o que seria igualar a Deus, mas para que mantivéssemos em nós o ideal de perfeição. Sendo o Cristo o ser mais perfeito que já veio à Terra, é justamente ele que deve servir de modelo e guia.

É com a aplicação do conhecimento de si mesmo e com o cumprimento de certos deveres, que esse progresso pode ser realizado.

É pesquisa do conhecimento de si mesmo, é, de fato, o melhor meio do indivíduo fazer o progresso de suas qualidades morais. Para ter as regras de conduta moral, Sócrates fazia do conhecimento de si mesmo um método filosófico. É indispensável que o indivíduo se habitue a fazer, como disciplina, esse conhecimento, de tal modo que faça dele também um método para o estudo e desenvolvimento de seu **Eu** moral, como ele é em psicologia, estribado na reflexão e observação interior ou introspecção, um método para o estudo dos estados de consciência.

É nesse conhecimento que pode estar baseada a auto-educação que o indivíduo deve procurar fazer. É no estudo moral interior, que o indivíduo deve fundar sua autoeducação, que concorrerá para o seu aperfeiçoamento moral, desde que seja feito com esmero e esforço constante. “Para uma auto-educação esmerada, diz num livro excelente, um espírito instrutor, é preciso permanente exame de consciência, a fim de conhecer-se sempre, a todo o momento, o estado da própria alma. Deste modo, resolvido a aperfeiçoar-se, o indivíduo não perde ocasião de estimular o desenvolvimento das virtudes nascentes em si mesmo, e de afogar os vícios e maus hábitos.”⁴¹

⁴¹ Angel Aguarod, *Grandes e Pequenos Problemas*, pág. 266.

Esse aperfeiçoamento moral é mesmo um dever para o espírito encarnado. É o que lhe pode dar o verdadeiro sentimento de dignidade humana, ou o respeito de si mesmo. É um dever do indivíduo para consigo mesmo.

De maneira que a moral espírita, como a moral do Cristo, está toda na exaltação da alma. Isto sem querer dizer, entretanto, que tudo na vida material seja sem valor. O corpo deve merecer um cuidado especial, tendo mesmo um dever do indivíduo o da sua conservação, com as preocupações de saúde e higiene e interdição do suicídio, visto ser ele o instrumento da alma, visto ter ele relações com a alma que é preciso manter em equilíbrio. O suicídio, sendo a morte voluntária, determinada pela falta de coragem do indivíduo na aceitação das coisas de seu destino, tem, segundo o espiritismo, consequências dolorosas na vida futura.

Mas há, acima de tudo, dois grandes deveres para o indivíduo, que são os dois maiores mandamentos, como disse o Cristo ao fariseu, doutor da lei, que o interrogou: o de amar a Deus e o de amar o próximo como a si mesmo (Mt. XXII, 35-39; Mc. XII, 28-31; Lc. X, 25-21).

É, na verdade, um grande dever para o indivíduo o de procurar despertar na sua consciência a intuição que ele tem da existência de Deus e amá-lo na sua obra e na sua lei. Para o amar verdadeiramente, o indivíduo deve procurar cumprir sua lei com todo o interesse, com todo o rigor, isto é, deve preocupar-se sinceramente com o seu progresso moral. Nisto, está realmente o amor a Deus, além da adoração e veneração que ele lhe deve. Assim, nada ou pouco adianta a adoração a Deus, à maneira das religiões, exclusivamente com a fé, se o indivíduo não cogitar de pôr em prática sua lei moral, de aumentar seus valores morais.

No dever de amar ao próximo, está, por assim dizer, enfeixado um conjunto de virtudes que o indivíduo deve procurar possuir para o preencher. A caridade é a expressão mais perfeita desse amor, não somente a caridade material, aquela que consiste em dar aos pobres aquilo que lhes falta, como a caridade moral e sobretudo esta, mos-

trando-se o individuo disposto a ser tolerante e indulgente com os defeitos de seus semelhantes, mesmo de seus inimigos, a perdoar-lhes as faltas, em vez de encolerizar-se, a não julgá-los, a ser afetuoso, benevolente e paciente nas suas relações com eles, na vida doméstica, cotidiana ou social, a fazer-lhes, enfim, todo o bem possível, de modo que, tudo resumido, importe na existência da humildade e ausência de orgulho e egoísmo, que são os dois defeitos mais graves do homem.

A caridade pode ir até o sacrifício, a renúncia. Fora da caridade não há salvação, eis a divisa do espiritismo moral. Na caridade, estão contidos os princípios de fraternidade e solidariedade, que devem existir entre todos os homens. Mas se todas essas qualidades devem subsistir nas relações dos homens entre si, claro está que eles deverão acatar os direitos uns dos outros. Nisso está o dever de justiça, que fica ao lado da caridade, baseado não só no respeito mútuo, como na identidade de natureza e fim.

Por outro lado, se é um dever para o indivíduo fazer seu aperfeiçoamento moral, como afirmação ou imperativo categórico de uma lei moral, que é a lei ensinada pelo Cristo, se ele tem a liberdade de praticar todos os atos necessários para esse fim, tem também a de não praticá-los, ou praticá-los de modo que se contraponham a esse fim. Pela sua própria vontade, pode fazer o bem ou fazer o mal. Sendo o indivíduo livre, assim como pode cumprir essa lei moral, também pode violá-la, tornando-se nesse caso responsável pela violação.

Há, portanto, uma liberdade dentro da qual o indivíduo pode mover-se, liberdade tanto mais limitada quanto mais inferior espiritualmente ou moralmente for ele, e que se vai alargando à medida que vai evoluindo moralmente ou espiritualmente. Há, assim, apenas uma liberdade moral. A liberdade e a responsabilidade são, destarte, para o indivíduo noções correlativas.

Estando a lei moral sujeita livremente à observação ou violação, é preciso ver qual é o sistema de sanções que ela acarreta. No espiritismo, elas são de ordem espiritual puramente, sem que, todavia, ele se oponha às sanções de ordem material, as que aparecem por inter-

médio das leis penais, contanto que não afetem a conservação pessoal, como, por exemplo, a pena de morte e sejam mais educativas que punitivas. São a sanção chamada natural pelos moralistas e a da vida futura. São sanções que existem, não para que a lei moral seja cumprida, mas porque ela não foi cumprida, ou foi violada.

Na sanção natural, resultante dos atos praticados conforme a lei moral, surgem no indivíduo as consequências felizes ou infelizes. Os atos bons trazem necessariamente a felicidade, mais tarde ou mais cedo, como os maus a infelicidade. O indivíduo, que é justo com seus semelhantes, tem sempre o melhor meio de obter a justiça para si mesmo. Quando não há para o indivíduo a recompensa imediata, há pelo menos a de sentir-se mais digno, há como que um “crescimento do ser”.

Na sanção natural, está inserida a sanção da consciência. A consciência tem sido tomada por um juiz infalível, que “recompensa com as alegrias do dever cumprido ou pune com as torturas do remorso”, tanto na vida corporal como na vida espiritual.

Na vida futura ou espiritual, é onde aparecem as verdadeiras sanções decorrentes da lei moral. Aparecem na sua plenitude e na maior intensidade. O espírito, pela sua natureza fluídica, apresenta-se na vida espiritual com suas sensações, percepções e faculdades mais intensas, mais agudas, assim como com seus sentimentos mais fortes, de modo que, tanto o bem como o mal, tanto as penas que trazem o sofrimento como as recompensas, que trazem a felicidade, são mais vivas.

O sistema de sanções da vida futura no espiritismo é um passo a mais dado sobre o sistema de sanções que foi pregado pelo Cristo, como este foi além do que pregou a lei mosaica. No espiritismo, as sanções espirituais são, sobretudo, baseadas em observações mediúnicas. São os próprios seres saídos da Terra que vêm relatar as situações em que se encontram na vida espiritual, quando violam ou seguem os

preceitos morais, descrevendo suas posições felizes ou infelizes. É preciso ler *O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec,⁴² para se notar a triste e dolorosa situação dos espíritos culposos que povoam o espaço, ou já ter assistido às sessões espíritas de beneficência, onde se procura dar alívio e consolo a esses espíritos, para se ver como eles aparecem com os sofrimentos, às vezes, os mais pungentes.

No código penal da vida futura, que foi publicado em *O Céu e o Inferno*, Allan Kardec define não só as sanções espirituais provenientes dos males feitos na Terra pelos seres que se tornam depois espíritos sofredores, inclusive as sanções expiatórias, como as daqueles que praticaram o bem e que se tornam espíritos felizes, que merecem as recompensas. Deste modo, as sanções são sempre proporcionadas ao grau de mérito ou demérito do indivíduo.

Assim como na moral espírita tudo se resolve na lei do amor, nas sanções tudo se resolve em reações às violações dessa lei. Mas como o desconhecimento dessa lei ou suas violações são imperfeições do indivíduo, as sanções não são senão reações a essas imperfeições. Por isso, Allan Kardec, depois de ter estudado detalhadamente todas as sanções da vida futura, mostrando que seus elementos principais estão no arrependimento, expiação e reparação, resume essas sanções na questão das imperfeições individuais ou falta de progresso moral, em três regras principais: **1^a** – “O sofrimento está ligado à imperfeição moral”; **2^a** – “Toda imperfeição, toda falta que decorre dela, contém em si seu próprio castigo, por suas consequências naturais e inevitáveis, sem que seja preciso uma condenação especial, para cada falta e cada indivíduo”; **3^a** – “Todos podem desfazer-se de suas imperfeições pela vontade, podem afastar os males, que são consequência dessa imperfeição e assegurar assim na felicidade futura”.⁴³

⁴² Allan Kardec, *Le Ciel et l'Enfer ou Justice divine selon le Spiritisme*, Paris, 1865.

⁴³ Allan Kardec: *Le Ciel et l'Enfer*, pág. 109.

Capítulo IX

O ESPIRITISMO E A CIÊNCIA

Estudado o espiritismo sob o ponto de vista científico, vê-se que ele pode ser encarado de duas maneiras. De um lado pode-se apontar o papel que ele representa, em face da ciência, o que lhe fornece com seus processos mediúnicos e suas ideias gerais, pode-se ver, enfim, como o espiritismo comenta os resultados da ciência.

Por outro lado, pode-se mostrar como o espiritismo pode chegar a uma síntese, a uma psicologia mais geral, dando lugar à formação de uma ciência à parte, estudada com método verdadeiramente científico. No primeiro caso, o espiritismo aparece como um método, uma aplicação, no segundo caso como uma ciência propriamente dita, uma construção.

O espiritismo, assim, relativamente à ciência em geral, não pode deixar de manter sempre uma atitude benévola e de apoio. Ele sempre terá que admitir as aquisições da ciência, a fim de analisá-las e aceitá-las, a título de conhecimento e evolução, havendo destarte com ela um acordo, uma aliança, como diz Allan Kardec.

Na análise dos fatos científicos, foi como método que Allan Kardec se utilizou do espiritismo, escrevendo *A Gênese segundo o Espiritismo*,⁴⁴ que é o livro de sua lavra, onde se nota como o espiritismo pode abordar as matérias da ciência, como pode comentá-las, onde se nota, enfim, como foi feita a aplicação de seus princípios. Contendo páginas excelentes, o livro deve ser considerado antes como um modelo de interpretação dos fatos da ciência. Foi como método que Denis e Delanne se apropriaram do espiritismo para estudar e interpretar os assuntos científicos, produzindo ambos trabalhos de relevo, devendo-se salientar de Denis o que ele escreveu sobre o *Espiritismo e as forças radiantes e Céu e Terra*, publicados na *Revue Spirite*.

⁴⁴ Allan Kardec, *La Genèse sclon le Spiritisme*, 1868.

Tomando, por exemplo, a Gênesis mosaica para estudo, Allan Kardec não procura sobrepô-la à ciência e admiti-la somente na letra, como fazem os teólogos, mas, ao contrário, indica o auxílio que a ciência lhe pode prestar. Ele diz que se a ciência não pode resolver todos os problemas levantados pela Gênesis, também a Gênesis não pode ser estudada senão com os dados fornecidos pela ciência. Pensa ele ainda que “a ciência é chamada a constituir a verdadeira gênesis, segundo as leis da natureza”.

Mas de que maneira procura Allan Kardec fazer a conciliação entre a Gênesis mosaica e a ciência? É preciso dizer que Allan Kardec não comenta senão a parte da Gênesis que tem relação com a criação e o paraíso perdido.

Classificando como períodos os dias da criação, ele procura fazer coincidi-los com os grandes períodos geológicos. No quadro comparativo que traçou dos fenômenos que se referem a esses períodos, além de criar o período astronômico, que não existe na geologia, ele acrescenta um outro período, o de transição, aos quatro períodos geológicos conhecidos, primário, secundário, terciário, quaternário, ficando o de transição entre o primário e secundário, perfazendo assim para a ciência seis períodos, a fim de ficarem correspondendo com os seis dias da criação.

Um fato, entretanto, resta a examinar. Deve-se aceitar a Gênesis como autêntica, tal qual ela se encontra? Pelo menos ela se acha quase invalidada, não só pela crítica bíblica como pelo espiritismo. Na crítica bíblica, o Pentateuco, que passa como mosaico e onde está contemplada a Gênesis, é uma reunião de fragmentos antigos, de proveniência diversa, como já dizia Renan, sem nomes, sem cronologia, é, portanto, um composto de camadas redacionais, provenientes de autores diversos, provindas de épocas diferentes.

No espiritismo, o juízo sobre o Pentateuco é mais incisivo. Conforme disse o sábio espírito de Imperator, o Pentateuco é um conjunto de lendas e tradições orais, que foram arranjadas e colecionadas pelos escribas e recolhidas depois por Ezra. “A coleção de Ezra, disse ele ainda, de maneira nenhuma contém as próprias palavras de Moisés, nem a expressão da verdade, salvo quando trata da lei que estava apoiada sobre documentos autênticos.”⁴⁵

São fatos que Allan Kardec não desconhecia até certo ponto. Contudo, ele julgava que a Gênese dita mosaica não devia ser rejeitada, mas, ao contrário, devia ser estudada “como se estuda a história da infância dos povos”. Há também a ponderar que na geologia o problema da duração dos períodos geológicos, com os quais foram comparados os seus dias da criação, ainda não foi definitivamente resolvido.

Não foi somente a análise da Gênese que Allan Kardec fez, além dos estudos geológicos indispensáveis para isso. Maior foi o seu intuito. O que ele quis fazer foi o estudo da origem e formação das coisas à luz do espiritismo. Daí vem, pela generalidade desses estudos, estendidos à gênese corporal e gênese espiritual, a denominação dada ao livro de *Gênese Segundo o Espiritismo*. Também por outro lado seria interessante saber se há alguma coisa ultrapassada na parte científica, que Allan Kardec estudou e mostrar o que a gênese segundo o espiritismo pode ter de permanente e de transitório.

II

Não há dúvida nenhuma que Allan Kardec tanto quis fazer obra filosófica como científica. Foi com o espírito científico que ele estudou os fatos do espiritismo e os sistematizou. Allan Kardec estava preparado para isso porque tinha a educação científica perfeitamente formada. Por isso o que procurava fazer era a prova científica desses

⁴⁵ Stainton Moses, *Enseignements Spiritualistes*, pág. 240.

fatos. Não foi como um simples crente que ele agiu, foi como sábio. Richet, apesar das restrições que fazia ao espiritismo, não deixa de lhe reconhecer o gosto pela experimentação, o que é lhe reconhecer até certo ponto o espírito científico. “É sempre sobre a experimentação que ele se apoia, de sorte que sua obra não é somente uma teoria grandiosa e homogênia, mas um imponente feixe de fato.”⁴⁶

O espiritismo, depois de ter saldo do domínio da simples indagação, chegou com Allan Kardec mesmo à observação rigorosa, completa, à observação, que se pode chamar com Léon Gastin de experimental, na qual “os fatos são observados em condições conhecidas como favoráveis à sua repetição”. Para conhecer essas leis (as do fenômeno espírita, dizia Allan Kardec, é “preciso estudar as circunstâncias nas quais os fatos se produzem e este estudo não pode ser senão o fruto de uma observação seguida, atenta e, às vezes, longa”.⁴⁷

Na verdade, as condições de experimentação no espiritismo são outras. Nelas há particularidades que é indispensável atender. Elas não podem ser as mesmas que as das ciências físicoanímicas, mas nem por isso deixam de ficar sujeitas às exigências do método científico. Sabe-se que existem ciências colocadas em condições idênticas de estudo, e que são consideradas ciências no sentido rigoroso da expressão, como a astronomia, a meteorologia. Eis, enfim, o que Allan Kardec sabia: o método de que se serviam as ciências da matéria e o que era preciso ao espiritismo que nascia.

Finalmente, quem quiser fazer obra científica com o espiritismo deve empregar no seu estudo, antes de tudo, o método científico. E se quiser fazer dele uma ciência propriamente dita, não uma ciência revelada somente, mas uma ciência como ela é compreendida, é preciso que ele seja admitido com uma interpretação mais larga, a fim de

⁴⁶ Charles Richet, *Traité de Métapsychique*, pag. 33.

⁴⁷ Allan Kardec, *Le Livre des Esprits*, Introduction.

poder anexar à sua síntese todos os conhecimentos que tenham relação com a alma humana, a fim de poder abranger a totalidade dos fenômenos psíquicos. Ele se mostrará assim como uma doutrina evolutiva, de acordo com os votos de seu fundador. O espiritismo, repetia ainda o espírito de Allan Kardec, há pouco tempo, num grupo francês, “evoluirá na sua parte científica, experimental, devendo os espíritas marchar com o progresso”.

Assim, o espiritismo científico deverá se constituir como verdadeira *ciência d'Alma*, como queria Léon Gastin, que foi um dos escritores espíritas franceses mais instruídos e orientados, quando militou no espiritismo. Será então a revisão de todos os dados da psicologia normal, das aquisições da psicologia supranormal, desde o psiquismo nas suas relações com o magnetismo, hipnotismo, sugestão, cultura psíquica etc., até a metapsíquica.

É o estudo do psiquismo individual, isto é, dos fatos que “acham explicações nos recursos psíquicos do próprio indivíduo” e do psiquismo exterior, em que há a intervenção de seres autônomos e independentes. É finalmente o estudo da constituição interna do homem, de seu psiquismo diretor, do complexo biopsíquico, que é a alma humana ou espírito encarnado nas suas relações com o corpo. O espiritismo aparece então como uma psicologia mais vasta, mais completa, mais exata, como uma psicologia integral.

Capítulo X

INFLUÊNCIA E EVOLUÇÃO DO ESPIRITISMO. ÚLTIMO ANO DE ALLAN KARDEC

I

A influência mais proveitosa que o espiritismo podia exercer no mundo é justamente a influência moral, a influência sobre os costumes humanos. Foi exatamente para exercer essa influência que o espiritismo apareceu. Se ela não é ainda tão grande, quanto era para desejar, é, contudo, já muito importante para o tempo que decorre de sua fundação.

O espiritismo, possuindo uma moral mais depurada, portanto, mais verdadeira que a de todas as outras doutrinas e religiões existentes, e tendo um modo particular e mais perfeito de explicá-la, tem mais poder que essas doutrinas e religiões para provocar essa influência.

Essa influência se tem exercido particularmente por meio da fundação de grupos ou sociedades espíritas em toda parte do mundo. Ela se tem feito não só por intermédio dos homens, pela palavra, pela escrita e pela beneficência, como pela ação dos espíritos, por intermédio de médiuns que se formam continuamente.

Por outro lado, a influência intelectual que o espiritismo tem exercido em todos os lados não deixa também de ser apreciável. Na literatura, principalmente na poesia e no romance, o espiritismo possui já trabalhos de mérito, entre os quais estão alguns publicados no Brasil, onde o espiritismo tem se desenvolvido notavelmente.

Não é somente no romance e na poesia que esses trabalhos se propagam, é também nos estudos que se relacionam com os assuntos históricos, científicos e filosóficos. Pode-se citar alguns deles. A Cabana do Pai Tomás, por exemplo, o grande e conhecido romance de Harriet Beecher-Stowe, publicado nos Estados Unidos em 1850, con-

quanto não seja propriamente um livro espírita, foi já verificado que é um romance quase todo mediúnico. Tendo produzido uma influência considerável sobre os "acontecimentos históricos e sociais" dos Estados Unidos, segundo diz Bozzano, ele contribuiu extraordinariamente para a "abolição da escravidão na grande nação".

Não foi pequena também a repercussão que tiveram, nos meios ingleses e americanos, os trabalhos que foram ditados por intermédio do médium americano Mrs. Pearl Lenorc Curran, pelo espírito de Pa-cience Worth, salientando-se entre eles o que foi publicado com o nome de *A Triste História* (The Sorry Tale) e o que apareceu na Inglaterra por intermédio da médium Miss Geraldine Cumins, intitulado *Escritos de Cleofas* (The Scripts of Cleophas).

Aponto esses trabalhos particularmente, não tanto por causa da influência que eles tiveram entre os teólogos, provocando-lhes a admiração e o apoio, como também pelo assunto que é de grande relevância, concorrendo nimamente para o estudo da época em que viveu o Cristo, e aclarando certos fatos da época apostólica.

Apesar da campanha surda, algumas vezes violenta, que a ortodoxia católica, sem razão, faz ao espiritismo, ele vai se infiltrando lentamente no seu seio, onde há muitos prelados que lhe fazem justiça, chegando outros a fazerem até investigações espíritas. "Hoje estuda-se, experimenta-se no meio católico, mas nada transpira fora. Eu continuo a receber cartas e visitas de eclesiásticos, que me interrogam sobre os problemas do Além", disse Léon Denis a respeito dos católicos franceses.⁴⁸

Nos meios protestantes, conquanto existam ortodoxos irredu-tíveis, o espiritismo tem tido maior influência que nos meios católicos e tem feito grande número de conversões, bastando ver o grande desenvolvimento que ele tem tido em alguns países protestantes, onde se

⁴⁸ Léon Denis, *Le Monde Invisible et la Guerre*, pág. 181.

fazem conferências espíritas nas faculdades de teologia, como fez algumas vezes Léon Denis, e discutem-se nos púlpitos das igrejas questões de espiritismo.

Se nos voltarmos agora para o domínio da ciência, vemos que se o espiritismo não tem tido uma influência direta sobre ela, no ponto de fazer a reforma de qualquer de suas teses, ele é, contudo, objeto de estudos por certos homens de ciência, tendo já esses estudos dado lugar à criação de um movimento científico importante, o da metapsíquica, onde já existem vultos notáveis da ciência aceitando plenamente o espiritismo como hipótese científica ou julgando que a sobrevivência já está provada cientificamente.

Fora desse movimento, muitos outros homens de ciência têm aparecido influenciados pelo espiritismo, tendo convicções espíritas, que são muito conhecidos e citados, para que haja necessidade de enumerá-los aqui.

Pode-se, entretanto, abrir uma exceção, citando-se o nome do grande físico inglês William Crookes, que foi um dos primeiros investigadores dos fenômenos espíritas e, quiçá, o mais profundo. Sabe-se que sua concepção de matéria radiante, que surgiu de suas experiências espíritas, é a confirmação científica da existência do fluido no espiritismo e que é a melhor expressão com que se pode definir esse próprio fluido.

Vê-se a importância que deve ter hoje tal concepção e ao mesmo tempo a exatidão da concepção espírita do fluido, notando-se analogicamente os diferentes estudos que tem feito a física sobre os estados sutis da matéria e a revolução que eles têm provocado.

Mas Crookes não pregou somente a realidade dos fenômenos chamados espíritas, aderiu depois francamente ao espiritismo, afirmando que ele estava mais que nunca convencido da realidade do Invisível. Para provar isso, ainda mais uma vez, ele mostrou um dia, em 1918, numa entrevista com J. Delville, em sua residência em Londres,

uma fotografia sua, com a esposa materializada a seu lado, obtida em condições científicas rigorosas e que ele considerava como uma das provas melhores de sua vida de pesquisador. "O espírito que está ai a meu lado, dizia ele, é Lady Crookes, minha esposa, falecida há um ano apenas. Ela estava tão convencida quanto eu da realidade dos fenômenos espíritas, pois assistiu a maior parte de minhas experiências." ⁴⁹

O que ficou afirmado sobre a influência do espiritismo na ciência, pode-se dizer com relação à influência do espiritismo sobre as doutrinas filosóficas. Ele não tem ainda uma influência decisiva sobre elas. Em todo caso, já vai sendo visto de modo mais justo e considerado como objeto de meditação. É para se notar que obras sumamente importantes como o *Vocabulaire technique et critique de la Philosophie*, dirigido por A. Lalande e surgido da *Société Française de Philosophie*, o admita nas suas páginas com uma definição exata, precisa, embora sem comentários.

Já com Hans Drieseh, o eminente filósofo alemão, professor da Universidade de Leipzig, a influência do espiritismo progrediu um pouco, causando nele certa impressão, ao ponto de discuti-lo em discursos e numa de suas obras, considerando-o, assim, um assunto grave. O espiritismo é apresentado dessa maneira, como que oficialmente na filosofia e na ciência e analisado, embora sucintamente, no seu livro *O Homem e o Mundo* ⁵⁰, que é uma espécie de introdução a toda sua obra.

Se se quiser fazer uma análise da obra de Bergson, em confronto com certas teorias do espiritismo, vê-se que o grande filósofo francês tem certos pontos de contato com o espiritismo, que não são provavelmente produtos da influência direta do espiritismo, mas que são talvez provocados, alguns, por influência de seus estudos psíquicos, podendo-se dizer que, embora ele não tenha falado nos seus livros a respeito do espiritismo, como Hans Driesch, é, todavia, o filósofo mais próximo dele.

⁴⁹ *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, out 1923.

⁵⁰ H. Drieseh, *L'Homme et le Monde*, tr. fr. Gobron, pág. 125.

II

Falando agora sobre a evolução do espiritismo, vê-se que ela pode ser aplicada, ou no sentido de seus princípios fundamentais, dos que foram descritos atrás, e formam a base de sua doutrina, ou no sentido do alargamento desses princípios, ou na parte científica. Quanto aos princípios fundamentais, continuam intatos, e talvez para sempre, mas o desenvolvimento que tem tido alguns deles, é notório.

Observa-se certo progresso na explicação da criação e origem do espírito, e certa tendência para tornar a noção da existência de Deus mais profunda, mais elevada. Não é preciso falar do princípio da "comunicação", que se tem alargado notavelmente. "É por meio dela que o espiritismo vai evoluindo nas suas ideias secundárias e vai sendo confirmado nos seus princípios fundamentais, concorrendo para isso o próprio espírito de Allan Kardec, com mensagens que tem dirigido a certos centros e grupos espíritas da França e, especialmente, com as mensagens que ditou a Léon Denis em 1926, em Tours, publicadas no seu livro *Le Génie Celtique et le Monde Invisible*.

Outros espíritos têm aparecido também com algumas ideias novas, podendo-se apontar entre eles Symbole, que fez psicografar *La Tombe Parle*, livro onde há ideias obscuras, incompreensíveis para muitos, mas onde há outras claras e superiores, que veem enriquecer o patrimônio intelectual do espiritismo.

Tratando-se da personalidade de Allan Kardec e do progresso que tem feito o espiritismo nas suas ideias, não é possível deixar de referir-me a um livro de comunicações, publicado em Paris em 1898, com o título de *Verités et Lumières*, que passa por ter sido ditado por Allan Kardec, de janeiro de 1897 a fevereiro de 1898.

É um livro que não se sabe se foi ele de fato ditado por Allan Kardec, mas que traz seu nome como autor e do qual não se pode dizer

que seja o produto de uma mistificação, ou da subconsciência do médium, ou de autossugestão. O livro foi ditado por Allan Kardec como espírito encarnado, pois está dito no primeiro capítulo – *Ma reencarnation* – que ele se encarnara no Havre, em França, em 1897, para cumprir uma nova missão, sendo esse livro o primeiro passo para ela, dizendo-se nele, ao mesmo tempo, em que condição ela era cumprida.

O livro compõe-se de três partes, por assim dizer, sendo uma constituída por uma explicação dos mandamentos, feita pelos espíritos de Allan Kardec, A. Bellemare, autor de *Spirite e Chretien*, e W. Channing, outra de ideias gerais sobre o espiritismo e outra sobre Jesus. Na segunda parte, além de haver coisas não conhecidas sobre a reencarnação, perturbações, sobre raças, sobre animais, sobre a vida de alguns espíritos na erraticidade, há um desenvolvido estudo sobre médiuns e mediunidades e, sobretudo, retificações de certas passagens de seus livros, feitas com a maior precisão e com emendas exatas.

A parte sobre Jesus é a melhor do livro. É uma perfeita crítica dos fatos que têm relação com a vida de Jesus. O Cristo é estudado nela como tendo sido espírito puro encarnado, confirmando-se, assim, as antigas ideias de Allan Kardec como missionário que foi na Terra, porém com mais segurança, mais ciência e mais lógica.

Ao mesmo tempo que estuda a vida de Jesus, o espírito, autor do livro, contesta diversos pontos dos documentos evangélicos, fazendo a crítica dos textos, dando as versões autênticas, mostrando, enfim, quais as verdadeiras palavras pronunciadas por Jesus. Nesta parte, está narrado o Sermão da Montanha totalmente, tal qual o pronunciara Jesus, conforme atestou com firmeza o espírito de Matheus Levy, que o ouvira. Enfim toda essa parte acha-se atestada por Estêvão, o mártir, e mais ainda por Pedro, o apóstolo, juntamente com Marcos e João, evangelistas, atestando eles que tudo o que foi dito referente a Jesus é a

"exata verdade". Eis o atestado desses últimos espíritos: "Nós atestamos, diante de Deus-Poderoso, nós, os testemunhamos dos acontecimentos que, por nosso irmão e amado discípulo Allan Kardec, acabam de ser relatados, nós atestamos, nós os auditores das palavras de Jesus, nosso irmão e venerado Salvador, a quem devemos a celeste luz, que tudo o que vos foi ensinado é a exata verdade."

Quanto à sua nova missão, diversas comunicações espontâneas foram dadas em diferentes grupos espíritas em Paris anunciando-a, assinadas por diferentes espíritos, estando entre eles alguns dos que assistiram Allan Kardec em sua missão anterior.

Não digo que os assuntos tratados em *Verités et Lumières* devam ser incorporados imediatamente ao espiritismo, porque não se tem certeza de sua autenticidade, mas não se pode deixar de afirmar que eles são uma valiosa contribuição para o estudo do espiritismo.

Mas, afinal, que se pode julgar da reencarnação de Allan Kardec e cumprimento de sua missão nova? O fato é que essa missão não foi ainda cumprida até hoje, passados quase quarenta anos, estando em tempo mais que suficiente para ser cumprida, principalmente porque no livro se diz que ela seria cumprida cedo, e nem parece que ela o seja nas condições exaradas no livro, atendendo-se demais que Allan Kardec está desencarnado, e tem se comunicado em diversos centros espíritas franceses, aludindo, às vezes, à sua próxima reencarnação.

Parece, entretanto, que Allan Kardec, tendo estado encarnado, tenha também desencarnado pouco tempo depois, após as comunicações dadas, visto sua encarnação ter sido revelada levianamente por um jovem espírito, conforme disse ele, e não ser talvez conveniente para sua missão que o lugar dessa encarnação fosse conhecido. "A indiscrição do espírito iria mais longe, disse Allan Kardec no livro em questão, se os espíritos superiores não o tivessem impedido de ver mais. Um espírito encarnado não pode fazer nunca conhecer que ele está na Terra."

III

A atividade de Allan Kardec não cessou nunca. Depois da publicação de *A Gênese segundo o Espiritismo*, em janeiro de 1868, ele continuou a entregar-se com ardor aos seus trabalhos, até que a morte, depois de um ano, o surpreendeu. Ele continuou a escrever artigos para a *Revue Spirite* e a dirigi-la. Publicou brochuras, tirou duas edições da *Gênese segundo o Espiritismo* em fevereiro e março de 1868 e preparou a 4ª edição de *O Céu e o Inferno* em março de 1869, que se tornou uma edição mais importante que as outras anteriores, porque foi quase toda refundida e ampliada em muitos capítulos, mas que não foi publicada senão depois de sua desencarnação.

Sua atividade foi ainda maior. Se se acreditar em *Verités et Lumières*, Allan Kardec teve ainda tempo nesse período para escrever dois volumes, que não chegou a publicar e elaborar um terceiro que deixou inacabado. Um volume era sobre o magnetismo que Allan Kardec estudava já há algum tempo, o outro era um comentário da Bíblia, que seria um trabalho mais completo que o de Stecki, *Le Spiritisme dans la Bible*, que nesse tempo foi publicado. O volume inacabado compunha-se de comunicações que só se referiam a Allan Kardec e à sua missão, e que, diz ele, poderia chamá-las de *Ma Vie*. Dessas comunicações só foi publicada uma parte nas *Obras Póstumas*, com o título de *Previsions concernant le Spiritisme*.

Mas, por que não foram publicados, depois da desencarnação de Allan Kardec, os volumes que ele deixou? Os manuscritos que desapareceram, diz ele, foram sonogados, depois foram mutilados, tiraram o que não convinham e convenceram a Mme. Allan Kardec que tudo era feito segundo instruções de Allan Kardec, e que era preciso melhor época para os publicar. Quanto ao manuscrito que tratava da Bíblia, disseram que tinha sido enviado para a Bélgica, para ser impresso e com a guerra de 1870 veio o pretexto de que ele tinha desapa-

recido. As comunicações que Allan Kardec deu à sua esposa, a esse respeito, não lhe foram lidas convenientemente e nem ela podia lê-las devido à sua fraquíssima vista e idade avançada.

Depois de ter publicado a *Gênesis segundo o Espiritismo*, ele procurou fazer a constituição prática do espiritismo, estabelecendo, numa exposição de motivos publicada em 1868, seus fins. De fato, a maior preocupação de Allan Kardec era, desde que estava formada a doutrina espírita, procurar seus princípios fundamentais, isto é, os princípios que deviam ser reconhecidos como verdades adquiridas. Não é que do conhecimento teórico do espiritismo, não se veja logo que ele possui princípios capitais. Mas o que Allan Kardec queria mostrar era a maneira por que esses princípios deviam ser admitidos praticamente. Eles deviam ficar determinados de maneira tal que o espiritismo pudesse facilmente aparecer destacado entre as outras doutrinas filosóficas, sendo ao mesmo tempo um meio de evitar cismas ou divergências salientes em seu seio. Esses princípios seriam invariáveis e incontestáveis, mas não teriam a feição dogmática.

Esta justamente por meio desses princípios mais gerais, com os quais todos estariam de acordo, podendo cada um possuir ideias próprias sobre os princípios secundários, na razão de seu estado evolutivo, que Allan Kardec julgava que o espiritismo poderia ser constituído praticamente, que sua unificação prática poderia ser feita. Eis inegavelmente todo o espírito de sua exposição de motivos de 1868. Mas o que Allan Kardec não chegou a fazer, isto é, estabelecer esses princípios, fez o **Congresso Espírita de Liège** em 1923, como já ficou dito atrás.

Não era só isso. Para fazer essa unificação, ele lembrava a criação de uma **Comissão** ou **Delegação** central, com estatutos, em que esses princípios ficariam estampados, e que seria o ponto de convergência do espiritismo no mundo. Composta de um certo número de membros, e um presidente, tomando parte também Allan Kardec se

quisessem, mas como simples membro, sem supremacia, nem títulos ou prerrogativas, a **Comissão** na sua ação, por maioria de votos, seria um poder deliberante, sem autoritarismo e ao mesmo tempo moderador, sujeitos afinal todos os seus atos à fiscalização dos Congressos ou Assembléias gerais. "Está bem entendido, dizia então Allan Kardec, que se trata de uma autoridade moral, no que tem relação com a interpretação e aplicação dos princípios da doutrina è não um poder disciplinar qualquer. Essa autoridade seria em matéria de espiritismo o que é a de uma Academia em matéria de ciência."

Além de outras resoluções morais e materiais concernentes à propaganda do espiritismo, como, por exemplo, os da fundação de instituições, além da preconização do estudo dos fatos e ideias novas, referentes ao espiritismo, e de divulgação do ensino espírita, o intuito principal da Comissão era certamente procurar por todos os meios a "manutenção, consolidação e extensão dos laços de fraternidade entre os espíritas dos diferentes países". De modo que, feita assim a internacionalização do espiritismo, nas suas ideias gerais e morais, ficaria realizada a obra de unificação desejada.

Foi o pensamento último de Allan Kardec, que a morte não deixou realizar. Como se sabe, ele desencarnou subitamente em 31 de março de 1869, deixando seu nome ligado a uma doutrina que, pela sua finalidade, é a mais considerável de todas as que têm aparecido no mundo.

Composto e impresso nas oficinas da FOLHA CARIOCA EDITORA LTDA.
Rua João Cardoso, 23, tel.: 233-5306 - CEP 20.220 - Rio de Janeiro - RJ

Edição Digital:
PENSE – Pensamento Social Espírita
<http://www.viasantos.com/pense>
Abril de 2010.